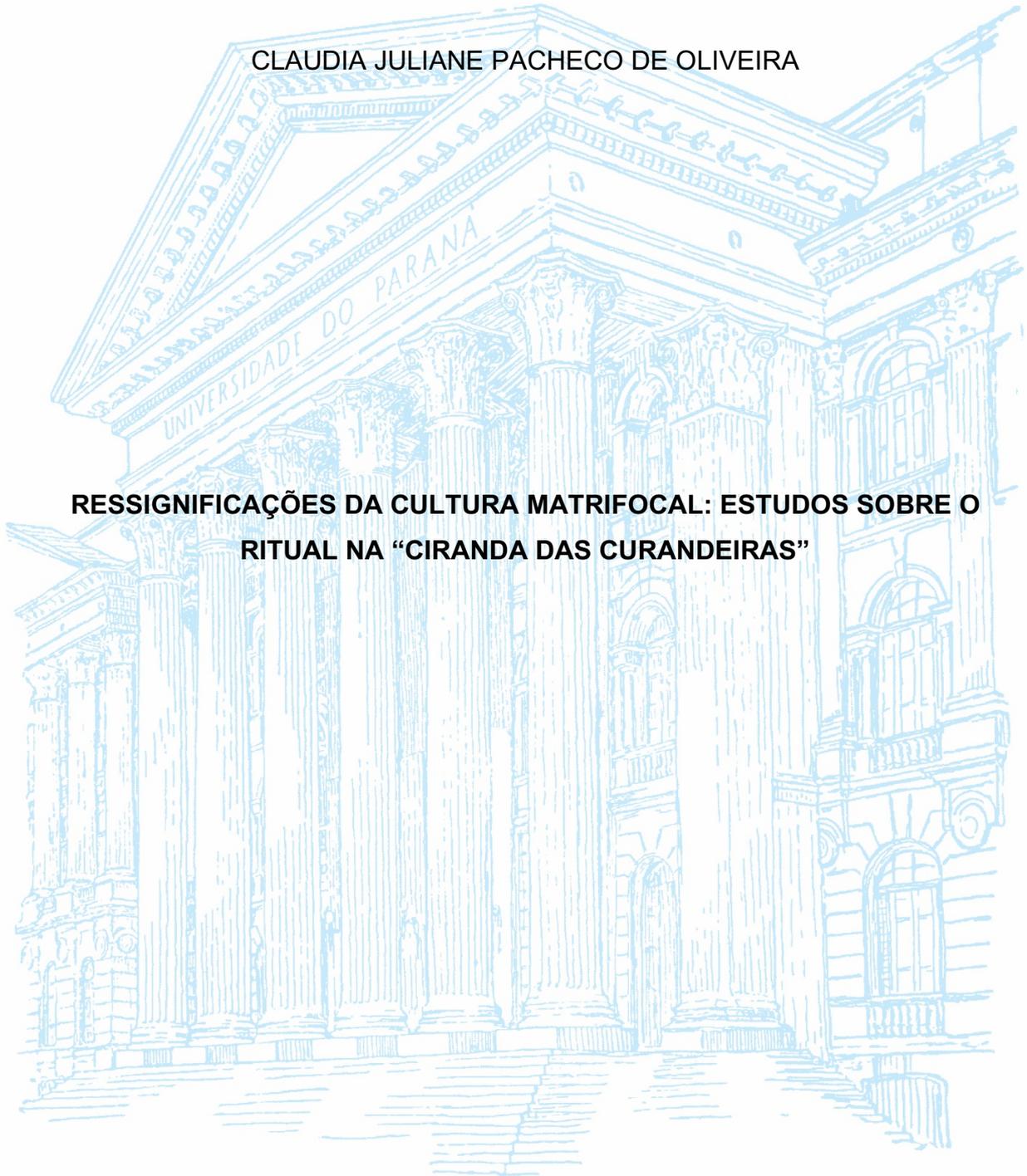


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLAUDIA JULIANE PACHECO DE OLIVEIRA

**RESSIGNIFICAÇÕES DA CULTURA MATRIFOCAL: ESTUDOS SOBRE O
RITUAL NA “CIRANDA DAS CURANDEIRAS”**



CURITIBA

2018

CLAUDIA JULIANE PACHECO DE OLIVEIRA

**RESSIGNIFICAÇÕES DA CULTURA MATRIFOCAL: ESTUDOS SOBRE O
RITUAL NA “CIRANDA DAS CURANDEIRAS”**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social, no Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR).

Orientador: Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo

CURITIBA

2018

Catálogo na publicação
Sistema de Bibliotecas UFPR
Biblioteca de Artes, Comunicação e Design/Cabral
(Elaborado por: Karolayne Costa Rodrigues de Lima CRB 9-1638)

Oliveira, Claudia Juliane Pacheco de
Ressignificações da cultura matrifocal: estudos sobre o ritual na "Ciranda das curandeiras" / Claudia Juliana Pacheco de Oliveira. – Curitiba, 2018.
85f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo.
Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná.

1. Cultural matrifocal. 2. Antropologia feminista. 3. Mulheres - Espiritualidade - Mitos e rituais. I. Título.

CDD 302



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **CLAUDIA JULIANE PACHECO OLIVEIRA** intitulada: **RESSIGNIFICAÇÕES DA CULTURA MATRIFOCAL: ESTUDOS SOBRE O RITUAL NA "CIRANDA DAS CURANDEIRAS"**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 28 de Março de 2018.

HERTEZ WENDEL DE CAMARGO
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

LUCIANA ROSAR FORNAZARI KLANOVICZ
Avaliador Externo (UNICENTRO)

REGIANE REGINA RIBEIRO
Avaliador Interno (UFPR)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo, ao grande espírito e a grande mãe a oportunidade dessa caminhada que me fez conhecer ainda mais coisas incríveis sobre quem eu sou, quem somos, onde estamos e para onde estamos indo.

Agradeço ao meu companheiro pela base, apoio, união e cumplicidade que fez ser possível esse período de estudo. Ao meu filho que foi sonhado, gerado e nascido no meio desse processo. A minha mãe que esteve ao meu lado e ao lado do meu filho para que pudesse dedicar algum tempo ao estudo.

Agradeço ao meu orientador por ter acreditado em mim e me dado a chance de acesso a esse conhecimento tão restrito socialmente, também agradeço a compreensão e por ter sido exatamente a mesma pessoa antes, durante e depois da gravidez. Aos outros professores do programa especialmente a Regiane Ribeiro, Rodrigo Botelho, Kelly Prudencio e Claudia Quadros pelo apoio com a minha maternidade.

Sou grata aos meus colegas de mestrado pela companhia divertida nesse período tão intenso para todos nós. Pelo apoio, companheirismo, ajuda e tudo que dispensaram por mim.

Sou grata ainda por todas as mulheres que conheci nesse caminho, nas rodas, cursos, rituais. A Babi pela Ciranda e por todo apoio a esta pesquisa.

Por fim, mas não menos especial, agradeço todas as mulheres que trabalharam e trabalham comigo na Tenda, minha fonte de espiração para essa escrita.

RESUMO

Quando nos deparamos com produtos midiáticos, é muito claro que seu consumo representa um ato de produção de sentido sociocultural, pois entre emissor e receptor — considerando que estes papéis não são estanques, ou seja, na comunicação todos são emissores e receptores concomitantemente — acontece um movimento de significados entre ambos, mesmo princípio que norteia todas as relações de consumo. No entanto, a mídia possui um suporte igualmente identificável e relativamente tangível: ondas eletromagnéticas, o papel, a tela, os pixels. Salvo o quesito “suporte”, se mostra como um grande desafio a observação e análise das trocas simbólicas que ocorrem entre grupos socioculturais atuantes no segmento de terapias alternativas e sua clientela. A Ciranda das Curandeiras, em Curitiba, é um grupo que resgata materialidades, significados e discursos da cultura matrifocal, outrora trancada nos porões da sociedade por uma tradição cultural claramente centrada em um patriarcado, na qual os valores relacionados à natureza feminina foram esquecidos ou marginalizados. Assim posto, este trabalho tem por objetivo principal estudar o ritual da Ciranda das Curandeiras como suporte sobre o qual são criados, reformulados e movimentados diferentes sentidos entre a cultura matrifocal e os sujeitos, compondo o imaginário de um determinado grupo social, no caso, das mulheres praticantes. Como objetivos específicos, este trabalho busca destacar as relações entre a cultura matrifocal e natureza; bem como realizar uma incursão ao sistema mítico para compreender com mais atenção a função do ritual. A metodologia tem como base a pesquisa participante, e o apoio de entrevistas e diários de bordo, sob uma escrita de traços etnográficos. Conclui-se que o ritual da Ciranda das Curandeiras funciona como mídia (ritual-mídia) ao passo que promove a troca de discursos e significados, verificada na produção estética de um conhecimento que transita e se reflete nas mudanças comportamentais e discursivas das mulheres pesquisadas.

Palavras-chave: Cultura Matrifocal. Ritual-mídia. Cirandas das Curandeiras. Mito.

ABSTRACT

When we come across media products, it is very clear that their consumption represents an act of production with a socio-cultural meaning, since between the sender and recipient - considering that these roles are not watertight, that is, in the communication all are emitters and receivers concomitantly - movement of meanings between them, the same principle that guides all consumer relations. However, the media has an equally identifiable and relatively tangible support: electromagnetic waves, paper, screen, pixels. Except for the item "support", it is a great challenge to observe and analyze the symbolic exchanges that take place between socio-cultural groups working in the alternative therapies segment and its clientele. Ciranda das Curandeiras, in Curitiba, is a group that rescues materialities, meanings and discourses of matrifocal culture, once locked in the basements of society by a cultural tradition clearly centered on a patriarchy, in which values related to the feminine nature were forgotten or marginalized. Thus, the main objective of this work is to study the Ciranda das Curandeiras ritual as a support on which different meanings are created, reformulated and moved between the matrifocal culture and the subjects, composing the imaginary of a certain social group, in the case of the women practitioners. As specific objectives, this work seeks to highlight the relations between matrifocal culture and nature; as well as make an incursion into the mythical system to understand with more attention the function of ritual. The methodology is based on participant research, and the support of interviews and logbooks, under a writing of ethnographic traits. It is concluded that the Ciranda das Curandeiras ritual acts as media (ritual-media) while promoting the exchange of discourses and meanings, verified in the aesthetic production of a knowledge that transits and is reflected in the behavioral and discursive changes of the women surveyed.

Key Words: Matrifocal Culture. Ritual-media. Ciranda das Curandeiras. Myth.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	44
FIGURA 2 – FOTO DE DIVULGAÇÃO DO EVENTO.	46
FIGURA 3 – FOTO DE DIVULGAÇÃO DO EVENTO.	47
FIGURA 4 – FOTO DE DIVULGAÇÃO DO EVENTO.	47
FIGURA 5 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	48
FIGURA 6 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	50
FIGURA 7 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	51
FIGURA 8 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	52
FIGURA 9 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	52
FIGURA 10 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	53
FIGURA 11 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	54
FIGURA 12 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	55
FIGURA 13 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	56
FIGURA 14 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	57
FIGURA 15 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	58
FIGURA 16 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	58
FIGURA 17 – IMAGEM USADA NA DIVULGAÇÃO DA RODA.	59
FIGURA 18 – CONVITE ÚLTIMA CIRANDA.	60
FIGURA 19 – O EVENTO.	62
FIGURA 20 – O EVENTO.	62
FIGURA 21 – O EVENTO.	63
FIGURA 22 – OS FLORAIS.	63
FIGURA 23 – O EVENTO.	64
FIGURA 24 – O EVENTO.	64

SUMÁRIO

1	INICIAÇÃO: MITO E RESSIGNIFICAÇÕES CULTURAIS	9
1.1	A LENDA DA MULHER BÚFALO BRANCO	10
1.2	A CIRANDA DAS CURANDEIRAS	16
1.3	OBJETIVOS	17
1.4	METODOLOGIA.....	17
1.5	RESULTADOS	19
2	CULTURA MATRIFOCAL E PATRIARCADO	21
3	O MITO COMO SISTEMA DE TROCAS SIMBÓLICAS	28
3.1	UM PASSEIO POR ALGUMAS CONCEPÇÕES DE MITO	30
3.2	O RITUAL NO SISTEMA MÍTICO.....	37
4	POR DENTRO DA CIRANDA – ANÁLISES	44
4.1	CIRANDA DAS CURANDEIRAS - UMA CONVERSA SOBRE OS SAGRADOS (06/07/2017).....	44
4.2	CIRANDA DAS CURANDEIRAS - APRENDIZADO DE CANTOS CERIMONIAIS (03/08/2017).....	48
4.3	CIRANDA DAS CURANDEIRAS - ESPELHO DO CORAÇÃO (14/06/2017)	53
4.5	DIÁRIO DE BORDO – A ÚLTIM CIRANDA DAS CURANDEIRAS (07/12/2017).....	60
5	FECHANDO O CICLO – CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICE - ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	75

1 INICIAÇÃO: MITO E RESSIGNIFICAÇÕES CULTURAIS

A cultura matrifocal é cercada por mitos, contos, lendas. É uma viagem mágica ler sobre tudo que a cerca. Também chamada de Religião da Deusa já que a sua história é pautada quase sempre por culto a deusas. Essa cultura é um sonho para nós mulheres. Uma sociedade que respeita a natureza divina da mulher, que a honra por ser o canal dos mundos, o portal por onde todos os seres humanos passaram antes de chegar até a terra. Uma cultura onde o sangue mensal é venerado, onde as mamas são tidas como fonte de vida. A mulher e sua sabedoria medicinal são curadoras, a mulher com mais idade é respeitada como a anciã de sua aldeia, reverenciada por todo seu conhecimento sendo seu corpo físico muito menos importante do que seu espírito. Será ela uma invenção criada por nós mulheres para que possamos ter algum tipo de esperança em relação a sociedade?

Esta pesquisa se deu em torno de um grupo de mulheres chamado Ciranda das Curandeiras que remonta essa sociedade matrifocal, com inúmeras dificuldades já que não é uma sociedade que tem estudos seguros de como funcionava. Mas o que não faltaram foram contos, lendas e muita imaginação. Não se sabe ao certo quando a sociedade parou de ser matrifocal e virou patriarcal. As lendas não dão conta de explicar o porquê dessa reviravolta e nem como ela aconteceu. O que está ocorrendo nesse milênio é uma valorização dessa cultura esquecida, também através de lendas e contos uma multidão está se voltando para o sagrado feminino – justamente a proposta do grupo estudado, já que a Ciranda das Curandeiras não pode recompor a sociedade matrifocal como era no passado, mas sim, ressignificar o sagrado feminino a partir de nossa realidade, uma sociedade que também pode ser chamada do consumo, da imagem, das mídias e, por isso mesmo, de valores que ao mesmo tempo são ancestrais mas com nova roupagem, novos sentidos e significados.

Essas lendas falam de mulheres poderosas. Asiáticas, hindus, africanas, europeias, sul-americanas, latinas, norte-americanas sagradas que representam a Grande Mãe, a Mãe Terra, a energia feminina esquecida durante mais de 20 mil anos. Uma dessas lendas precisa ser contada aqui na introdução, para que vocês entendam de onde veio a roda de mulheres que iremos estudar nessa dissertação.

1.1 A LENDA DA MULHER BÚFALO BRANCO¹

Um dia, dois jovens guerreiros Sioux estavam caçando nas pradarias do Minesota. Ao subirem uma colina em busca de caça, eles foram surpreendidos ao verem uma jovem mulher, muito bonita surgir diante deles numa nuvem. Retendo o fôlego, eles a observavam. Ela trajava vestes feitas de corça branca. Levava a tiracolo uma sacola de pele e uma pele de búfalo em uma das mãos. Uma pena de águia, trançada nos seus longos cabelos negros, reluzia à luz do sol. Não tema”, disse a mulher, “eu trago paz e felicidade para vocês. Agora me falem, por que vocês estão longe de sua aldeia?”

A graça a beleza dela, incendiou o guerreiro mais velho com pensamentos lascivos, que calou-se. O mais jovem, então respondeu:

— Nossa aldeia está com falta de comida. Nós estamos caçando.

— Aqui – ela disse -, leve de volta este pacote aos seus. Diga para os Chefes das sete fogueiras da sua tribo, para reunirem-se na fogueira do conselho e esperarem por mim.

Ao escutar essas palavras, o mais velho deu voz ao seu desejo de acasalar-se com ela, ali mesmo na pradaria, debaixo do sol. No momento em que o guerreiro mais velho tentou agarrá-la, a mulher envolveu-o na pele de búfalo. Uma nuvem envolveu o corpo dele, e quando o pó assentou, no lugar do guerreiro havia um esqueleto recoberto de vermes.

Foi então que Mulher Búfalo Branco, falou ao jovem guerreiro:

— O homem que olha primeiro a beleza exterior de uma mulher, nunca conhecerá sua beleza divina, pois ele é um cego. Mas o homem que primeiro vê a beleza de seu espírito e sua verdade, esse homem conhecerá o Grande Espírito nessa mulher; se ela quiser deitar-se com ele, ele compartilhará com ela um prazer mais pleno do que poderia imaginar.

— Você, quando me olhou, não ficou cego com a minha beleza, mas seu primeiro pensamento foi: ‘Quem é essa mulher?’ ‘De onde ela vem?’ ‘Será ela uma mulher sagrada?’

— Meu jovem, você também terá o que deseja.

— Você e seu amigo simbolizam dois caminhos que os homens podem seguir. Se procurar primeiro a sagrada visão do Grande Espírito, estará vendo da mesma

¹ CAMINHO XAMÂNICO. Disponível em: <<http://www.xamanismo.com>>, acesso em 15 mar. 2018.

maneira que o Criador, e por isso você saberá que aquilo que necessitar da terra chegará às suas mãos. Mas se preferir seguir primeiro, esquecer o Grande Espírito, satisfazer os seus desejos terrenos, você morrerá por dentro.

Foi então que o jovem guerreiro resolveu perguntar quem era ela.

Ela olhou profundamente nos olhos dele e respondeu:

— Eu sou o Espírito da Verdade. Seu povo me conhece como a Mãe dos Mais Velhos; mas como você pode ver, não sou tão velha assim. Sou a Grande Mãe, que vive dentro de cada Mãe, a moça que brinca em cada criança. Sou a face do Grande Espírito, que seu povo esqueceu. Vim para falar para as nações da planície. Vá para sua aldeia e prepare a minha chegada. Tenho algumas coisas a ensinar, coisas sagradas que sua tribo esqueceu.

O jovem então correu ao seu povo, para transmitir a mensagem de Mulher Búfalo Branco aos Chefes das Sete Fogueiras de sua tribo. Após ouvirem o jovem, toda tribo começou a trabalhar numa enorme cabana, coberta de muitas peles, na qual toda tribo pudesse se reunir.

Quando viram Mulher Búfalo Branco se aproximando pela pradaria, ficaram atônitos. Esperavam por alguém de mais idade. E ela parecia uma donzela, graciosa como a relva que se movia em torno dela no crepúsculo. Seu rosto brilhava como uma luz que falava das flores e das mais finas ervas.

Descalça, como sempre andava nas suas viagens pela terra, ela entrou na grande cabana. Seu vestido de pele de Búfalo Branco irradiava a presença de seu espírito. Sem dizer uma palavra, andou em círculo em torno do fogo que ardia no centro da cabana. Cada vez que seus delicados pés tocavam a areia ao redor do fogo, os que a observavam sentiam que cada gesto seu era uma prece de profunda reverência à terra.

Devagar, em silêncio, ela contornou o fogo sete vezes.

Quando por fim ela falou, sua voz era como a canção dos pássaros das pradarias.

— Sete vezes, andei em sete círculos em torno deste fogo, em reverência e silêncio. O fogo simboliza o amor que arde para sempre no coração do Grande Espírito. É o fogo que aquece cada criatura no mundo. Vocês são como um ser único. Esta cabana, feita de muitas peles, é o corpo de vocês. O fogo que arde no centro dela é o amor de vocês.” Parou um momento e, devagar, curvou-se para tirar um graveto incandescente das chamas. “Este fogo é mais forte que qualquer um de vocês.

Seu povo esqueceu, o que é mais precioso que a água. Vocês esqueceram suas ligações com o Grande Espírito. Eu vim”, disse ela erguendo o graveto, “como um fogo do céu para reavivar a memória daquilo que foi, e fortalecê-los para os tempos que virão.

Pousou novamente o graveto no fogo e pegou uma sacola de pele que trazia.

— Nesta sacola, trago um cachimbo para ajudá-los a recordarem os ensinamentos que eu trago. Tratem-no sempre com respeito. Levem-no sempre em sacolas das mais finas peles, enfeitadas pelas mãos mais reverentes. Ponham neste cachimbo um tabaco sagrado plantado especialmente para esse fim. Fumem-no com um sentimento de gratidão ao Grande Espírito, de cujo sopro vocês receberam a vida. Usem o fumo para representar seus pensamentos, suas orações e aspirações ao Grande Espírito.

Até então ela ainda não tinha aberto a sacola na qual estava o cachimbo. Desatou as tiras de couro que a amarrava, e retirou o cachimbo com tal reverência que todos que estavam na cabana, sentiram o coração transbordando e os olhos cheios de lágrimas.

— Este cachimbo sagrado, e cada tragada de fumo sagrado que vocês inalam pelo seu tubo, ajudará vocês a recordarem que cada sopro de vocês é sagrado. O forninho do cachimbo é feito de pedra vermelha. Tem o formato de círculo. Simboliza a Roda Sagrada, o sagrado círculo da vida, o dar e receber, da inalação e da exalação, pelo qual todas as coisas vivas ingressam na vida pelo poder do Grande Espírito.

Pedindo um pouco de tabaco, Mulher Búfalo Branco colocou-o no forninho do cachimbo dizendo:

— Este tabaco, simboliza o mundo das plantas, o musgo das pedras, as flores, as ervas, as folhas das relvas que cobre a colina para que sua mãe não repouse nua ao sol. Vocês estão aqui para cuidar da terra. Suas vidas são acesas pelo mesmo fogo que arde no coração do Grande Espírito.

Assim falando, ela colocou um pequeno graveto no fogo para que ardesse como chama viva.

— Da mesma forma que acendo esse graveto no grande fogo, assim todo ser humano é uma chama que faz parte do fogo eterno do amor do Grande Espírito.

Devagar, ela tirou o graveto em chamas do fogo, e ergueu-o para que todos o pudessem ver.

— Quando vocês viverem em harmonia com o Grande Espírito, sua chama de amor será vivida sempre por aqueles ventos espirituais. Vocês serão tomados de amor pela própria razão da vida! Acenderão o fogo do amor em todos os que encontrarem. Conhecerão o propósito de sua travessia por esse mundo e saberão que o Grande Ser deu uma chama da vida a todos: não para guardarem sua pequenina chama somente para si, amando apenas aquilo que é necessário às suas vidas, mas sim para que pudessem dar o seu amor, e com o fogo desse amor trazer consciência para a terra.

Dizendo isto, ela segurou o graveto bem em cima do forninho vermelho do cachimbo. Encostou a chama bem no centro do cachimbo, aspirando suavemente pelo tubo até o tabaco incandescer. O cheiro do fumo invadiu o ambiente.

— Assim como o tabaco queima neste cachimbo de terra que representa as plantas – continuou Mulher Búfalo Branco - , assim também esse búfalo que vocês vêm entalhados no forninho de pedra do cachimbo representa as criaturas quadrúpedes que compartilham com vocês esse mundo sagrado. As doze penas que pendem o tubo do cachimbo representam os seres alados com os quais vocês compartilham o grande círculo do céu.

Em seguida ela passou o cachimbo ao chefe do conselho dizendo:

— Tomem este cachimbo. Agradeçam ao Grande Espírito, e passem o cachimbo aos outros do nosso círculo. Que seus pensamentos sejam elevados ao Grande Espírito que vem agora mexer com suas memórias, abrindo os olhos de seus narradores. Cada amanhecer que nasce vermelho no céu do leste, como o forninho vermelho deste cachimbo, é o nascimento de um novo dia, de um dia sagrado. Lembrem-se sempre de tratar cada criatura como um ser sagrado: as pessoas que vivem além das montanhas, os pássaros, os peixes e os outros animais, todos eles são irmãos e irmãs de vocês. Todos constituem parte sagradas do corpo do Grande Espírito. Tudo é Sagrado.

Neste momento, o cachimbo começa a ser passado de mão em mão. Depois que todos que estavam na cabana deram uma baforada, Mulher Búfalo Branco levantou com reverência o cachimbo para que todos vissem.

— Levem sempre o cachimbo com vocês. Trate-o como um objeto sagrado. Honrem todas as criaturas e vivam suas vidas em harmonia com o Caminho Sagrado do Equilíbrio de que fala cada árvore, cada flor e cada novo dia. Haverá muitas estações nas quais o coração de vocês se sentirá claro e puro como uma nascente

nas montanhas, e vocês conhecerão a paz e a alegria do Grande Espírito. Mas, se vocês sentirem que se afastaram da trilha do Caminho Sagrado, se seus corações passarem a pesar dentro de vocês, não percam tempo em arrependimento. Ensinar-lhe-eis uma cerimônia,” disse ela acendendo o cachimbo mais uma vez no fogo sagrado, “uma cerimônia que cada um de vocês pode fazer em companhia de outros, a sós em suas tendas, ou lá fora, na pradaria.

Ela deu uma pequena baforada no cachimbo e disse:

— Parem suas atividades. Procurem uma pedra sobre a qual sentar. Rogando orientação do Grande Espírito. Acendam o cachimbo e deixem que o forninho vermelho lhes lembre a sagrada escritura, o caminho da vida, o trilho vermelho do sol. Depois de ter aspirado seu fumo em honra do Grande Espírito, em honra da Mãe Terra, em honra dos animais e das pessoas que são fiéis à realidade, depois de ter dado graças as quatro direções, então aspirem uma vez mais para pedirem orientação aos grandes seres alados do mundo dos espíritos. Peça-os para ajudá-los a ver o melhor procedimento a seguir. Peçam para que eles ajudem a vocês fazerem a escolha mais sábia e a reconhecer os passos que devem tomar na trilha que seu EU mais profundo escolher para vocês. Isso permitirá que o fogo que arde dentro de vocês fale em termos claros, sem interrupções. Peça que os seres espirituais que os cercam, entrem em sua vida. Diga-lhes que desejam ajudá-los e ao Grande Espírito no seu trabalho, e perguntem-lhes como fazer isto. Ao ajudarem o Grande Espírito, vocês se ajudarão. Os seres humanos não são inteiramente felizes nem saudáveis senão quando servem aos propósitos para os quais o Grande Espírito os criou.

Novamente ela entregou o cachimbo, para que fosse passado de mão em mão. Durante muito tempo, Mulher Búfalo Branco permaneceu em silêncio, mesmo após ser completado o círculo de baforada no cachimbo. Quando falou novamente, comparou seus ensinamentos a uma árvore; uma árvore que iria florescer à medida que tomavam a si essas coisas, plantando-as no coração de cada um e aplicando-as no dia a dia.

— Durante longo tempo,- ela continuo-o -, vocês viverão sob a sombra sagrada da Árvore da Compreensão que estou plantando nas suas consciências. E, nas gerações vindouras, seu povo estará unido novamente no Sagrado Círculo da Vida. Infelizmente, essa árvore será derrubada depois de algumas gerações. A árvore parecerá morrer. A Roda Sagrada murchará até ser esquecida. Alguns poucos

manterão a luz da verdade ardendo nos seus corações, mas a luz será fraca e, mesmo neles, passará a ser uma brasa pequena e imperceptível.

Guardando o cachimbo na sacola, ela continuou:

— Mas a brasiha permanecerá. Em silêncio, continuará. Mesmo quando vocês tiverem suas terras invadidas, vendidas e roubadas. Essa brasa ainda manterá sua luz acesa, e saibam, meu povo que um grande fogo pode sair de uma única brasa!

— Quando a tempestade passar, essa brasa acenderá um alvorecer mais forte do que qualquer outra alvorada. Uma nova árvore crescerá, mais gloriosa do que esta que agora deixo com vocês. Com o novo alvorecer, eu voltarei e viverei com vocês. Debaixo da sombra dessa árvore, estarão reunidos não somente as tribos vermelhas, mas as tribos brancas, as tribos negras e as tribos amarelas, vindo de todas as direções. Em harmonia, as quatro raças viverão sob os ramos da nova árvore. Tudo que foi quebrado será refeito por inteiro. A Roda Sagrada será consertada. A comida será farta e os espíritos de todas as criaturas alegrar-se-ão na harmonia de uma nova ordem, perfeita. O Grande Espírito, estará atuando dentro das raças, vivendo, respirando, criando através dos povos da terra. A paz virá as nações.

Despediu-se dizendo que voltaria um dia, então transformou-se num Búfalo Branco, e sumiu envolta nas nuvens e nunca mais foi vista.

“Grandes mudanças estão a caminho com o nascimento do Búfalo Branco.”

Com o nascimento de um Búfalo Branco, em 1994, em Janesville, no estado de Wisconsin, nos Estados Unidos. Torna-se mais próximo o cumprimento da profecia sagrada de que irá surgir uma nova idade de unificação e espiritualidade global, enchendo-nos de uma esperança maior para o novo milênio.

Da’Naho! (Assim seja).

Essa lenda deu origem a um povo que luta por essa espiritualidade global, por essa consciência coletiva e sagrada que respeita a mãe terra, as mulheres, os homens e tudo que há nesse planeta chamado de “o caminho vermelho”. Esse grupo realiza rituais para evolução e cura do ser humano. São rituais que utilizam a força da natureza com todos os seus elementos – terra, ar, água, fogo, as quatro direções (leste, oeste, norte e sul). Um desses rituais é a busca da visão, onde os participantes ficam dias em cima da montanha sem água, comida ou proteção. Com a roupa do corpo que subiram ficam em estado contemplativo durante 4, 7, 9 ou 13 dias – aumentado gradualmente a cada ano – para enxergar além do que se vê.

Uma das participantes desse grupo é a Babi Surati Kiliam Farah que participa dos rituais de busca de visão, dança do sol – 13 dias dançando sem parar na montanha – entre outros. Babi sentiu o chamado para criar um grupo onde mulheres pudessem sentar em roda e se curarem. Criou o grupo **Ciranda das Curandeiras**, em Curitiba – uma roda de mulheres que acontece mensalmente sempre com o intuito de se acolher umas às outras e a si mesma. Não se configura culto à Deusa por que não tem orações, altares para a Deusa nem outros elementos que tenham esse teor. É um altar xamânico que traz os elementos apresentados pela mulher búfalo branco.

1.2 A CIRANDA DAS CURANDEIRAS

Neumann (1999) (apud Carvalho et al. 2003) relata a ameaça pelo desenvolvimento patriarcal para a humanidade. Trazendo que é importante que a sociedade ocidental resgate o mundo feminino. Com isso, o ser humano poderá desenvolver toda sua capacidade psíquica necessária para estar atento aos perigos que o ameaçam tanto por dentro como por fora de sua existência. (VIEIRA, 2011)

O FSI - sigla para Fogo Sagrado de Itzachilatlan – chamada Caminho Vermelho porque é assim referida a caminhada no plano físico – para estarmos vivos, precisamos de sangue nas veias, sangue vermelho, sendo assim, caminho vermelho – iniciou em 1999 no Brasil um ritual de busca da visão, que dentre outras coisas, forma sacerdotisas – mulheres que são iniciadas espiritualmente a fim de expandir os conhecimentos desse movimento espiritual. Em um desses rituais estava Babi Surati Kiliam Farah que no seu caminho como sacerdotisa sentiu a necessidade de criar uma roda de mulheres, para que juntas pudessem se curar da opressão sentida na sociedade em que estamos inseridas “o desejo era, antes de mais nada, de poder sentar em roda e compartilhar, por ter experimentado *in loco* o poder curativo desta atividade”. (FARAH, 2017)

Em 2014 Babi iniciou a ciranda das curandeiras, “os encontros têm uma média de 28 participantes por mês, podendo chegar a 40, e são abertos, a rotatividade é grande” (FARAH, 2017). A dinâmica da ciranda é em roda abrir um espaço de discussão sobre temas relacionados ao feminino na visão da tradição matrifocal. Ou seja, na visão da grande mãe terra, onde mulheres – seus corpos, seu sangue, sua essência – são sagradas. Depois de uma breve conversa as mulheres tomam uma dose de florais da Amazônia - extratos líquidos naturais e altamente diluídos de flores,

que atuam no âmbito emocional – que acompanham uma mensagem relacionada ao uso do composto e ajuda a clarear as emoções. Depois desse ritual é realizada uma terapia corporal em grupo.

A pesquisadora é parte integrante da Ciranda das Curandeiras desde novembro de 2015 quando um médico a decretou infértil. Já feminista e descrente da medicina tradicional a mesma optou por terapias alternativas e durante a busca encontrou o grupo através do site de relacionamento Facebook. Desde o primeiro encontro o que se tornou nítido era um autoconhecimento de cada mulher que participava das rodas e para ela mesma. Assim ao longo dos meses foi conhecendo seu ciclo menstrual, respeitando e alimentando seu corpo feminino livre de pré-conceitos sociais de que foi embebido por toda sua vida. Em julho de 2016 engravidou. Portanto sentiu pessoalmente o poder de mudança social, emocional e até física que tem o ritual.

Pela proximidade da autora com o objeto e para que seja mantida a ética da pesquisa todo o trabalho será realizado focado nos demais participantes, fotos e vídeos feitos dos rituais.

1.3 OBJETIVOS

Nesta pesquisa procuramos olhar para essa roda procurando compreender qual seu papel no processo de ressignificação da cultura matrifocal. Assim, como objetivo geral, pretendemos estudar o ritual da Ciranda das Curandeiras como suporte sobre o qual são criados, reformulados e movimentados diferentes sentidos entre a cultura matrifocal e os sujeitos, compondo o imaginário de um determinado grupo social, no caso, das mulheres praticantes. Como objetivos específicos, este trabalho busca destacar as relações entre a cultura matrifocal e natureza; bem como realizar uma incursão ao sistema mítico para compreender com mais atenção a função do ritual.

1.4 METODOLOGIA

Para a pesquisa foi realizado um conjunto de metodologias tais como a pesquisa exploratória, revisão bibliográfica, a pesquisa participante, entrevistas semiestruturadas e, para a análise, uma escrita com base etnográfica

Foi realizada uma pesquisa exploratória com o intuito de promover maior familiaridade com o tema. Assim, foram levantadas diferentes referências bibliográficas relacionadas a mito, consumo, ritual, terapias alternativas, espiritualidade. Assim, nesta etapa, foram realizadas virtualmente entrevistas semiestruturadas. Segundo Antônio Carlos Gil (1999), a entrevista é “parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso”. Assim, optou-se nessa fase exploratória em distribuir para as mulheres participante da Ciranda das Curandeiras um questionário cujo resultado ajudaria a compreender melhor a organização e auxiliaria no recorte. O questionário continha perguntas abertas sobre os encontros (cerimônias) e seus significados sob a perspectiva individual das participantes. O número mínimo de participantes não foi pré-definido por não ser um fator essencial para esta etapa da pesquisa, no entanto, foram coletadas oito entrevistas. Após essa pesquisa formulamos o recorte da pesquisa e, para atingir os objetivos propostos, a pesquisa utilizou-se, inicialmente, da revisão bibliográfica para conceituar cultura matrifocal e as relações entre consumo, ritual e movimento dos significados na cultura, baseado nas obras de Everardo Rocha (2005), Joseph Campbell (2007) e Jean Baudrillard (1991; 2007), entre outros.

Como a Ciranda das Curandeiras trata-se de um grupo terapêutico alternativo, ou seja, como fenômeno a ser pesquisado seus sentidos se concretizam por meio do ritual e da interação entre dirigente e mulheres participante. Sendo assim, a melhor forma de apreensão de suas características e interpretação dos seus sentidos foi a pesquisa participante. Conforme explica Peruzzo (2003): “A pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada”. Partindo-se desse conceito de pesquisa, optou-se pela Ciranda das Curandeiras justamente pelo histórico de minha participação no âmbito da organização.

A pesquisadora é parte integrante da Ciranda das Curandeiras desde novembro de 2015 quando um médico a decretou infértil. Descrente da medicina tradicional a mesma optou por terapias alternativas e durante a busca encontrou o grupo através do site de relacionamento Facebook. Desde o primeiro encontro o que se tornou nítido era um autoconhecimento de cada mulher que participava das rodas e para ela mesma. Assim ao longo dos meses foi conhecendo seu ciclo menstrual,

respeitando e alimentando seu corpo feminino livre de pré-conceitos sociais de que foi embebido por toda sua vida. Em julho de 2016 engravidou. Portanto sentiu pessoalmente o poder de mudança social, emocional e até física que tem o ritual.

Desta forma, sendo um membro da organização e tendo verificado a sua eficácia enquanto terapia de reequilíbrio espírito-mental-corporal e, também, pelo fato de poder apresentar um olhar íntimo e interno do fenômeno é que, primeiro, escolhemos a Ciranda das Curandeiras e, posteriormente, elegemos o ritual como principal meio de transmissão de sentidos entre a organização e as mulheres.

Como apoio às observações, diários de bordo foram produzidos para descrever os elementos que fazem parte do ritual, bem como temas discutidos e falas das mulheres presentes. No espaço de três meses, três encontros foram analisados – a Ciranda das Curandeiras promove encontros mensais.

Por fim, com uma escrita de base etnográfica – de base descritiva – dialoga com a abordagem da pesquisa narrativa de Muylaert (2014), por meio da qual analisaremos a interface falas/narrativas das mulheres entrevistadas, buscando destacar elementos indicativos da percepção individual e traços da cultura matrifocal em cada participante partir do consumo do mesmo fenômeno – o ritual.

1.5 RESULTADOS

É importante ressaltar que não chegaremos a uma verdade absoluta do que significa o ritual ou como ele atua enquanto agregador e regulador do coletivo, mas esperamos obter uma análise bastante particular de como ele age em cada uma das participantes da Ciranda, já que a análise narrativa tem por objetivo registrar representações de fenômenos sociais, não definições generalizantes: “As narrativas, dessa forma, são consideradas representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio histórico.” (MU LAERT, 2014). No entanto, concluímos que o ritual da Ciranda das Curandeiras funciona como mídia (ritual-mídia) ao passo que promove a troca de discursos e significados, verificada na produção estética de um conhecimento que transita e se reflete nas mudanças

comportamentais e discursivas das mulheres pesquisadas. A pesquisa ainda contribuiu para um reforço do conceito do consumo como elemento criador de vínculos, movimentador de significados, que atravessa todas as instâncias da sociedade e que opera com signos e discursos ancestrais, no entanto, em um ambiente atual, moderno, urbano. Há um retorno imaginal às estruturas simbólicas da cultura matrifocal, no entanto, é impossível reviver, apenas dar outros sentidos aos elementos que se perderam no tempo e no espaço cultural de outrora.

2 CULTURA MATRIFOCAL E PATRIARCADO

Os rituais fazem parte da história da humanidade desde os primórdios. Realizar rituais é manter a cultura de uma dada comunidade como, por exemplo, as missas, batizados, formaturas, casamentos e demais sacramentos e marcos sociais e temporais do repertório cristão e ocidental. No ritual, enquanto prática reguladora da coletividade, está contida uma rede de sentidos que compõe manifestações culturais que, ao ser consumida pelo homem pós-moderno, molda sua identidade. Estudos antropológicos revelam que tais estruturas de significação (ritos e rituais) persistem na sociedade até os dias atuais, nos ambientes urbanos, em particular nas trocas simbólicas mediadas pelo consumo – quando ocorre o “movimento de significados do mundo culturalmente constituído para o homem” (MCCRACKEN, 2012).

Os rituais no sistema matrifocal celebravam o equilíbrio do universo e do próprio ser entre masculino e feminino, “apesar de a mulher estar no centro do sistema e ser associada a mistérios ocultos, o foco dessas sociedades encontrava-se na relação harmônica do ser humano com a sua natureza.” (LEMES, 2013). Antigamente o homem vivenciava a terra como uma Mãe generosa, na qual o elemento feminino era venerado e respeitado. Com o avanço da ciência e do modelo patriarcal, essa visão sofreu modificações e o feminino passou a ser considerado algo “inferior” ou de menor valia (Carvalho et al, 2003).

Hoje é possível concluir, a partir de indícios arqueológicos, que a mais antiga imagem humana do divino era feminina. A imagem 21 da Deusa, sem a companhia de uma figura masculina, pode ser encontrada desde a época paleolítica até a neolítica, se estendendo aos inícios da civilização antiga. Durante os primórdios da civilização humana, na Idade da Pedra (40.000 e 3.500 a.C) teria existido a primeira religião da humanidade, que venerava a Grande Deusa, que sendo fêmea, simbolizava as forças da vida, o nascimento e a alimentação, o crescimento e a fertilidade, a morte e o renascimento. Como o papel do homem na concepção não era completamente compreendido, a organização social era centrada na mulher, dando a ela valor e status social altos (Davis, 1998). (VIEIRA, 2011)

Até o ano 2000, a era Paleolítica havia nos contemplado com aproximadamente mil imagens de mulheres, completas ou parciais, que incluem esculturas, relevos e gravuras. Dessas, as mais remotas haviam sido criadas aproximadamente 27.000 a 26.000 a.C., em uma área que abrange grande parte da

Europa. As semelhanças de algumas figuras, do período Paleolítico com as do Neolítico, acabam por sugerir a hipótese da existência de uma religião contínua que passou de um período para outro (Husain, 2001). (VIEIRA, 2011)

No período compreendido entre 30.000 e 10.000 a.C. (datas aproximadas) são documentados diferentes grupos arqueológicos espalhados pela Europa, todos com figuras de busto redondo, que apresentam mulheres jovens, grávidas ou anciãs, magras ou obesas, de pé ou sentadas. Essas figuras foram denominadas Vênus. Essas esculturas tendem a enfatizar a área do busto e da barriga. Assim, esses achados mudam a forma como o período Paleolítico era percebido, como uma época associada a grandes caçadores, e agora é possível observar o 23º sexo originário como feminino, já que todas as representações sexuais humanas encontradas dessa época eram de figuras femininas (Davis, 1998; Il, 2002).

Nessas sociedades foram encontradas evidências da existência de divindades masculinas e femininas, porém, o poder percebido como o mais elevado era o poder feminino, de dar e manter a vida, o poder encarnado no corpo da mulher. Essas sociedades parecem ter sido igualitárias, onde o feminino e as mulheres ocupavam posições sociais importantes (Eisler, 1997).

Husain, (2001) retrata que a Deusa pode possuir diferentes nomenclaturas, títulos, atributos e poderes, porém, todas elas convergem a uma única Deusa. Ela também se manifesta de diversas formas, sendo muitas delas diferentes dos estereótipos utilizados para 24 caracterizar o mundo feminino. Características como soberania, guerra e caça, pertencem a diferentes Deusas de diversas culturas. A autora traz ainda que “a sua característica essencial consiste em tudo abarcar – ela encerra todos os opostos em si mesma, incluindo o feminino e o masculino, a criação e a destruição – e reconhecer que a vida e a morte têm o mesmo peso, cujo equilíbrio mantém a ordem universal” (VIEIRA, 2011, p. 6)

Quando os homens descobriram que para mulher engravidar precisava da semente, o falo passou a ser cultuado, o que está registrado em manifestações artísticas deste período. E o patriarcado foi masculinizando essa divindade, os cultos às deusas foram acabando e a mulher foi sendo retirada dos espaços religiosos. Houve o período de caça às bruxas, em que as mulheres foram proibidas de usar esse conhecimento delas do cuidado com as ervas, por exemplo, e perseguidas por isso. O sistema patriarcal se instalou socialmente por meio de inúmeros rituais focados na superioridade masculina em relação ao feminino, os religiosos são os mais

conhecidos e mantidos assiduamente. A imagem de Deus, como um ser masculino dominante, serve para manter a dominância masculina que aparenta ser a forma mais natural de poder (VIEIRA, 2011). Porém os rituais religiosos não são os únicos nesse sentido. Castañeda (2006) mostra que até hoje os meninos passam por rituais para se tornarem homens, como a primeira relação sexual com prostitutas, por exemplo. No entanto, aqueles rituais acima citados, que celebravam o equilíbrio entre as faces masculinas e femininas, foram se perdendo e o destaque que o feminino tinha nas manifestações ancestrais e sociais foi sendo esquecido.

O sangue menstrual é um exemplo de como uma cultura pode dar diferentes valores para uma mesma coisa. Na cultura matrifocal o sangue da menstruação é um sangue sagrado, um sangue fértil, digno de honraria. Na cultura patriarcal o sangue de menstruação é fétido, nojento, entre outros atributos. Outro exemplo é o parto. Enquanto para a cultura matrifocal o parto é um processo de cura para a mulher, de renascimento, de fortaleza, de vida, enquanto para a cultura patriarcal é um castigo, onde a dor e sofrimento materno.

Embora a primeira fase do feminismo (período) estivesse focada no mercado de trabalho, a partir da segunda fase do feminismo (período) surgiu o movimento que trazia a idéia de que existiram sociedades pré-patriarcais, onde as mulheres detinham o poder, e esse movimento começou a se propagar rapidamente. Essa idéia, que ganhou o nome de “Goddess Movement”, foi rejeitada pela Academia durante muito tempo, mas conseguiu “alcançar” algum espaço devido aos movimentos de mulheres nos últimos trinta anos e aos achados arqueológicos antigos que ganharam força na segunda metade do século XX (Dashú, 2005; Davis, 1998; Husain, 2001; VIEIRA, 2011).

Temos distorções históricas que diminuem o papel da mulher, como a lenda de Maria Madalena que a coloca não como prostituta, mas como uma dançarina.

No período matrifocal há registros das tendas onde as mulheres se reuniam para trocar seus conhecimentos, neste período a mulher tinha o poder do cuidado, da medicina e dominava o uso das ervas. Com as rodas focadas no feminino passamos a ter um movimento de recuperação dessa cultura de ter a mulher como ser divino e a busca pela promoção de uma retomada de poder através da nomeação da experiência divina como feminina, e evitar o que são percebidos como valores patriarcais que promovem desigualdades de gênero (Bloch, 1997). Re-imaginar o divino como feminino terá importantes consequências psicológicas e políticas para

homens e mulheres, a mais importante delas será o fato de que o símbolo da Deusa afirma a legitimidade e o poder feminino. Isso afetará milhares de mulheres que nasceram e foram criadas em culturas que as ensinaram a serem submissas ao poder masculino, na família, na sociedade, no mundo (Christ, 2007; VIEIRA, 2011)

Rever os significados do que é “masculino” e o que é “feminino”, bem como a relação entre os dois, faz parte dessa mudança. (VIEIRA, 2011). Existem atualmente alguns movimentos que tentam retomar esse equilíbrio de valorização do feminino e do masculino, inclusive no âmbito espiritual. Isso possibilita a homens e mulheres se conhecerem melhor não só psicologicamente como espiritualmente, abrindo espaço para a expansão de religiões não patriarcais. (VIEIRA, 2011).

Em Curitiba, desde abril de 2014, é realizado mensalmente o encontro chamado Ciranda das Curandeiras – grupo de pessoas que se reúnem em um evento ritualístico que acontece todo mês em torno da temática da cultura matrifocal. Celebrando o feminino na natureza do universo e de cada ser. A Ciranda das Curandeiras retoma essa tradição esquecida apresentando ou fortalecendo a cultura matrifocal entre seus participantes. Com o objetivo de ressignificar o feminino na sociedade a Ciranda das Curandeiras promove discussões e terapias corporais de autoconhecimento. O grupo, que durante três anos funcionava apenas para mulheres, começou a receber homens em 2017. No dia 6 de Julho de 2017 (primeira observação participante) estiveram presentes 22 mulheres e 8 homens, que discutiram sobre o significado do sagrado masculino e do sagrado feminino. Os participantes puderam expressar como se sentiam em relação ao tema, com a ajuda de elementos sagrados. O que pode-se observar ao longo da vivência é que os presentes se sentiram à vontade para desabafar, pois estavam em uma posição de cordialidade entre os gêneros e não da competição como é alimentado pelo patriarcado. "Na Ciranda das Curandeiras achei que as mulheres encontravam-se, mas na Ciranda das Curandeiras, achei-me no espelho dessas mulheres" (participante²)

Segundo Etzioni (2000) o ritual possui capacidade para comunicar e incutir valores de grande importância para uma sociedade ou parte dela. Griffin (1995) traz a fala do antropólogo Clifford Geertz (1973) que argumenta que a religião molda a ordem social e os processos psicológicos, e que os símbolos e mitos dos rituais são um resumo do que se deve saber do mundo, e eles servem para ensinar as pessoas a

² Depoimento inserido no site: <https://www.cirandadascurandeiras.com>

como lidar com isso. (VIEIRA, 2011). Nesse sentido iremos abordar os rituais como uma forma de perpetuar a cultura por meio da comunicação simbólica. Assim sendo, justifica-se a pesquisa pelo esforço de investigar o processo de troca de símbolos e significados sociais fora do paradigma da comunicação mediada, e extrapolando a noção de consumo para além do território econômico e buscando registrar e entender o consumo no sentido de fruição de práticas e conhecimentos manifestados na lógica do ritual – neste caso específico, compreender como a Ciranda atua na produção de sentidos relacionados à cultura matrifocal social, de modo que seu ritual mensal passaria a servir como mídia, uma interface entre a cultura matrifocal e as mulheres participantes.

A partir de tais questionamentos e dos conceitos acerca do corpus, podemos dizer que o principal objetivo desta pesquisa é conhecer os processos envolvidos no consumo do sagrado feminino por meio da experiência do ritual e como ele opera sobre a percepção de mundo das mulheres adeptas desse fenômeno materializado nas estruturas discursiva, estética e comunicacional da Ciranda das Curandeiras, a partir das metodologias observação participante e análise narrativa.

2.1 O PATRIARCADO

O termo patriarcado tem origem na palavra patriarca que, por sua vez, se refere a certas hierarquias da igreja que representavam a cabeça da instituição, assim como personagens do antigo testamento que protagonizavam grandes passagens. Ao longo da história, a noção de patriarcado está muito ligada aos conceitos de sabedoria e de autoridade que uma única figura (que, no caso, seria a masculina) representa numa coletividade. Dessa forma, o entendimento do termo patriarca não designa somente “o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social”.³

Re-imaginar a imagem masculina de Deus como feminina é questionar a hegemonia do poder masculino de dominação, que é exercido não somente sobre as mulheres, mas sobre homens, e outras formas de vida. (VIEIRA, 2011)

³ “Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa” – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Martha Giudice Narvaz; Sílvia Helena Koller

É possível perceber através da literatura, que houve há muito tempo uma unidade primordial, onde existia “uma Mãe Terra e um Pai Espírito”, que possuíam uma união feliz e harmoniosa. Porém, esse “paraíso” foi perdido, alienado e afastado da sociedade e “fomos forçados a engolir a amargosa propaganda de um Pai culpado, porém todo-poderoso. Ocorreu a destituição da Mãe do poder e seus cultos foram abandonados e perseguidos” (CARVALHO, CURSINO, FONSECA & PENA, 2003; VIEIRA, 2011).

A bruxaria moderna, como movimento religioso contemporâneo, se propõe a recuperar uma complementaridade entre homens e mulheres, que pode ser percebida como de ordem natural, sendo que está representada na própria natureza. Desta forma existe o culto da Deusa, bem como do Deus, tendo a Deusa um papel preponderante, porém não significando uma superioridade, mas como um resgate necessário para que possam ser restabelecidos valores que foram historicamente negados às mulheres (BULSING, 2010; VIEIRA, 2011)

O patriarcalismo não surgiu junto com a humanidade. A supremacia dos homens veio apenas para inverter a sociedade matriarcal que existia em muitas civilizações, nas quais uma deusa mãe era cultuada pelos homens. Suas raízes estão na Grécia Antiga, sendo que sua supremacia permaneceu até a Revolução Francesa, quando essa organização social começou a ser questionada. “Culturalmente, a mulher, ao longo destes mais de cinco mil anos de cosmologia judaico-cristã, foi perdendo a crença em si mesma por ser, ainda hoje, considerada a responsável pelo declínio da espécie humana.” (FARAH, 2017)

Entrando no assunto identidade, abordamos a forma como o indivíduo se enxerga dentro do contexto social em que está inserido. Como o contexto é móvel a identidade individual também o é: “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 1987 in CAIXETA, 2004)

A identidade feminina é uma construção social comum do significado do que é ser mulher para a sociedade, a valoração identitária da mulher perpassa pelos seus papéis sociais previamente definidos, dessa identidade feminina previamente construída no imaginário coletivo é que nasce a famosa frase de Simone de Beauvoir:

“ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Para a autora a sociedade molda a identidade da mulher de acordo com julgamentos pré-definidos. O conceito de identidade feminina construído ao longo do sistema patriarcal não teve grandes alterações mesmo com as transformações sociais que sofreram os papéis de gênero ao longo dos séculos:

Mesmo as mudanças sociais que estão ocorrendo em direção a levar a mulher a adentrar no espaço público com mais frequência e força, não conseguiram alterar, significativamente, o conceito identidade feminina construído ao longo da história da humanidade. (Caixeta, 2004)

3 O MITO COMO SISTEMA DE TROCAS SIMBÓLICAS

Ao abordarmos o tema “ritual”, enquanto conjunto de ritos, é necessário situarmos seu espaço na cultura. Em um primeiro olhar, o conceito de ritual está permeado pela ideia de um elemento ancestral ligado aos primórdios da humanidade, ou seja, aos primeiros agrupamentos humanos e os primeiros passos de uma relação mito-religiosa com os seres e as forças da natureza. Enfim, constitui um tipo de preconceito associarmos o ritual exclusivamente com as sociedades pré-industriais.

No entanto, autores como Douglas e Isherwood (1979), Bourdieu (2007) e Barthes (2011) ajudam a compor no final dos anos 1970 os primeiros pensamentos balizadores da Antropologia do Consumo, área que coloca luz sobre o consumo enquanto produtor e movimentador de sentidos nas sociedades contemporâneas. Para Rocha (2010), a principal necessidade do homem que o consumo alimenta é a necessidade do simbólico, criando mapas culturais, compondo identidades e formas de ser e estar sociedade. O conceito de consumo deve ser ampliado, pois, ele é um dos vetores que movimentam os significados na cultura. Mitos e rituais estão presentes nas sociedades pós-industriais, assim como estiveram nas sociedades pré-industriais e claramente promovem o “movimento de significados do mundo culturalmente constituído para o homem” (MCCRACKEN, 2012). Mitos, ritos e rituais persistem nos ambientes de consumo, na materialidade de produtos e, principalmente, em suas narrativas além das narrativas publicitárias (ROCHA, 2005) CAMARGO, 2013), mas nas narrativas midiáticas como a televisão e o cinema (CONTRERA, 1996), o jornalismo (CONTRERA, 1996) a arte (H DE, 2017).

O consumo é uma das formas de trânsito cultural de arquétipos, mitos e rituais na atual sociedade. O consumo de bens, serviços, imagens, mídia, signos, narrativas, informação, relações humanas e espiritualidade, por exemplo, estão todos no mesmo “caldeirão mágico” (a cultura) no qual realidade e imaginário não apenas se misturam, mas se complementam. Para Morin (1997), o imaginário é “[...]uma estrutura antagônica e complementar sem a qual não haveria o real para o homem ou nem mesmo a realidade humana”, pois a cultura constitui “uma espécie de sistema neurovegetativo que irriga, segundo seus entrelaçamentos, a vida real de imaginário, e o imaginário de vida real”.

Neste sentido, o estudo da Ciranda das Curandeiras está pautado em uma lógica do consumo que é, ao mesmo tempo, real (racional, mercadológica) e imaginário (mito-mágica, espiritual). Religiões, cultura, arte e terapias alternativas, apesar de sustentarem uma aura de “distanciamento” dos sentidos “mundanos” do consumo, estão inseridas em uma sociedade do consumo (BAUDRILLARD, 1991) na qual, inegavelmente, estão adaptadas para que seus sentidos possam circular e se transformar.

Uma das contribuições de tais estudos para a pesquisa do ritual na Ciranda das Curandeiras é o fato de revelarem que tais estruturas de significação (ritos e rituais) não só persistem nas sociedades pós-industriais, nos ambientes urbanos, mas que são importantes meios de movimento de significados. Podemos afirmar que o ritual constitui a principal mídia da Ciranda, pois sem ele a clientela não compreenderia o papel nem sentiria os efeitos de sua proposta. O consumo da Ciranda das Curandeiras se dá principalmente por meio do seu ritual. Portanto, a Ciranda das Curandeiras, mesmo tendo um nobre objetivo para sua clientela, segue a lógica da visibilidade, das políticas estéticas e do mercado. Visibilidade porque está presente nas redes sociais, possui uma imagem construída para ser consumida, uma “persona” que comunica com o mercado. Políticas estéticas porque assim como qualquer outro produto, marca ou organização, a Ciranda possui uma forma de ser e estar na sociedade e está preocupada em organizar a percepção do público e de sua clientela por meio de formas de publicidade e discursos. E mercado, porque ela entra em um campo que concorre com outras organizações e necessariamente precisa apresentar diferenciais e, curiosamente, seu maior potencial se encontra nos discursos, textos, rituais e narrativas relacionados ao imaginário.

Para Rocha (2010) as narrativas do consumo dialogam ou possuem processo de composição muito próximos aos mitos. Para Camargo (2011, 2013) as narrativas publicitárias possuem como ancestral diegético as narrativas míticas, no entanto, a estrutura do mito não pode ser observada apenas em sua potencialidade narrativa. O mito não é apenas uma narrativa antiga, em oposição à racionalidade da modernidade ou apenas pertencente à oralidade pré-industrial. O mito constitui um sistema onde a narrativa é apenas uma parte desse sistema, uma faceta, assim como o ritual também é parte desse sistema e uma das facetas do mito. Camargo (2013) defende o mito como um sistema de significação cultural.

Para Contrera (1996) o mito é a fonte dos textos e tramas da cultura. Portanto, o mito não é apenas uma narrativa antiga, ancestral, mas um sistema formado pelo conjunto equilibrado entre narrativa, ritual, totem, tempo e magia, um sistema mítico (CAMARGO, 2013). Esse conjunto, ou partes dele, se manifesta na cultura em diferentes mídias, suportes, linguagens, discursos, narrativas, comportamentos e, no caso da Ciranda das Curandeiras, a cultura material, as falas das mulheres participantes e os rituais compõem esse conjunto de meios pelos quais transitam os significados. Assim como a relação semiótica entre a fumaça e o fogo, Campbell (2007) afirma que onde há ritual há mito, isto é, o autor não só aponta para o fato de que mito e ritual são estruturas intrínsecas, indissociáveis, mas que o sistema mítico é complexo, intrincado. Assim, podemos afirmar que onde existe um ritual não só há uma referência a algum mito, e vice-versa, mas como compõe uma rede sentidos socioculturais.

Propomos agora uma incursão pelas definições de mito de cada parte desse sistema proposto por Camargo (2013) para que o papel do ritual seja bem delimitado dentro desse sistema.

3.1 UM PASSEIO POR ALGUMAS CONCEPÇÕES DE MITO

Se sairmos às ruas em uma enquete sobre “o que é mito”, certamente, obteremos respostas variadas, mas que não deixam de orbitar a ide vaga e disseminada no senso comum de que o termo *mito* está diretamente relacionado às lendas, contos de fadas, fábulas, com uma não verdade. Em outras palavras o mito não existe na realidade ou, melhor, não pertence à realidade do dia-a-dia, cotidiana, dos problemas corriqueiros do homem. Em temas de redes sociais e notícias fúteis ou falsas, o termo *mito* ainda pode tomar ares de pós-verdade no sentido de que sua estrutura narrativa pode emprestar contornos elaborados, floreios e funciona como vetor de algo que possui uma sensível conexão com a essência humana que Jung (2000) chamou de *arquétipo*.

Os mitos – assim como as visões, os rituais, as lendas, contos de fadas e ensinamentos esotéricos – também se aproximam da Psicologia na medida em que constituem textos de estrutura semelhante à dos sonhos e por expressar a essência da alma humana. Mas os mitos são a representação coletiva de textos ainda mais antigos, os *arquétipos*, que são imagens

universais, congênitas, que habitam o inconsciente e estão intimamente ligadas à espécie humana, operando como instintos controladores do comportamento. (CAMARGO, 2011, p. 16)

Para Jung (2000), os arquétipos são definidos como “tipos primordiais, [...] imagens universais que existem desde os tempos mais remotos”. Na concepção do psicólogo, os arquétipos formam o que ele chamou de *inconsciente coletivo*, considerado uma parte herdada do psiquismo, comum a todos os seres humanos. O autor postula que uma camada do inconsciente é pessoal – portanto, que possui origem em experiências pessoais do indivíduo – e repousa sobre uma camada mais profunda que não possui sua origem em experiências ou aquisições pessoais, uma camada inata.

[...] contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são “cum grano salis” os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. [...] são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (JUNG, 2000, p. 15)

Um dos arquétipos mais significantes nos estudos de Jung e, portanto, significativos para nosso olhar sobre a Ciranda das Curandeiras, é o arquétipo da Grande Mãe.

[...] A mãe não é apenas a condição prévia física, mas também psíquica da criança. Com o despertar da consciência do eu, a participação é progressivamente desfeita, e a consciência começa a tornar-se sua própria condição prévia, entrando em oposição ao inconsciente. [...] Assim todas as qualidades fabulosas e misteriosas desprendem-se da imagem materna transferindo-se à possibilidade mais próxima, por exemplo, à avó. Como mãe da mãe, ela é “maior” do que esta última. Ela é propriamente a “Grande Mãe”. (JUNG, 2000, p. 189)

Ao observarmos os discursos da Ciranda das Curandeiras, cada mulher se afastou de sua natureza, de sua essência, em outros termos, ela precisa se reconectar com a Mãe Natureza (a Grande Mãe) para ressignificar sua identidade, promover seu autoconhecimento, reconectar-se com sua própria natureza. E, se pudermos simplificar a complexidade na relação entre imaginário e realidade, a psique humana e mitos, sabemos que a matéria-prima tanto do inconsciente coletivo quanto do mito

são os arquétipos. Portanto, o arquétipo é o ponto de conexão entre a psique coletiva e o sistema mítico, onde se encontram ritos e rituais.

Para Camargo (2011), uma concepção bastante comum sobre o mito é que se trata de uma representação exagerada pelo imaginário popular, geralmente de acontecimentos ou pessoas de significativo papel na sociedade. Na cultura pop, por exemplo, esse papel geralmente está atrelado aos ídolos midiáticos tais como modelos, atores e atrizes, cantores, modelos, esportistas – os mesmos personagens que são chamados de olímpicos por Edgard Morin (1997) em clara referência aos deuses do Olimpo na Grécia Antiga.

Para Gilbert Durand (2001), o mito é um esboço de racionalização que utiliza o traço do discurso sobre o qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias e, quando analisado, expõe uma estrutura (ou um conjunto de estruturas) que serve para o estudo de ideologias, visões de mundo e terminologias de uma sociedade. O autor reconhece o mito como um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas que tende a se estruturar em narrativa.

Conforme Camargo (2013), o mito é um tipo de narrativa, mas não histórica, muito menos um conto, uma lenda ou uma fábula. Ele vai além.

O mito é uma narrativa fantástica, impressionante e ainda viva no âmago da cultura, um texto exclusivamente imaginativo, mas verdadeiro, real em seu poder simbólico, pertencente à nossa segunda natureza, a mesma dos rituais, significados e imagens interiores que, mesmo invisíveis e abstratos, dão sentido à existência humana. (CAMARGO, 2011, p. 72)

Rocha (2008) afirma que o mito é uma narrativa que participa do conjunto de fenômenos culturais e, por manter uma forma alegórica, seu sentido é difuso, pouco claro e múltiplo. Para o autor, “o mito carrega consigo uma mensagem que não está dita diretamente. Uma mensagem cifrada”. Na concepção do autor, o mito sempre esconde alguma coisa.

Para antropólogo estruturalista Lévi-Strauss (2008), o mito está sempre relacionado aos acontecimentos passados, antes da criação do mundo ou durante os primeiros passos da humanidade. O valor intrínseco atribuído ao mito provém desses acontecimentos, supostamente originados a partir de um momento no tempo,

formando também uma estrutura permanente. Para o autor, essa estrutura relaciona-se simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro. Interessante lembrar que essas relações entre mito (inclusive o ritual e o totemismo) e cultura no passado, apesar da antropologia afirmar que pertencem a outro tempo-espaco histórico e que sua natureza não sobreviveu na modernidade, consideramos assim como aponta Rocha (2010) que houve uma ressignificação do mito nas narrativas midiáticas, especialmente a publicitária que, por sua vez, impregna todo o sistema midiático/cultural.

Eliade (2008) explica que o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento ocorrido em um tempo primevo, o tempo fabuloso do princípio de tudo; e que, portanto, os mitos revelam as atividades criadoras divinas e desvendam a sacralidade (ou a sobrenaturalidade) de suas obras. Em outros termos, o mito narra a criação do Cosmos, de como algo que não existia passou a existir – o mundo, o homem, as atividades humanas, os elementos e os seres da natureza. Ou ainda, como tudo um dia vai acabar da mesma forma que foi criado – no caso, segundo os mitos escatológicos.

Não podemos saber quando e onde o mito surgiu porque ele pertence a um não-tempo e se encontra em um não-espaco. Camargo (2011) comenta que os referentes míticos são imagens e lugares fantásticos existentes apenas no imaginário cultural.

[...] totalmente subjetivos, alegóricos, porém, tão vivos e tão presentes no cotidiano das pessoas – até mesmo das mais cartesianas – a ponto de exercerem influência no comportamento social. Se são capazes de influir, portanto, de organizar a cultura, os mitos são reais. (CAMARGO, 2011, p. 73)

Aproximando o mito da psicologia, Greene & Sharman-Burke (2001) explicam que, durante séculos, os seres humanos usaram mitos, contos de fadas e folclore para explicar os mistérios da vida e torná-los suportáveis – desde as mudanças das estações até o enigma da morte, passando por complexas questões de relacionamento. As autoras definem a mitologia “como a psicologia de autoajuda original”. Nesse ponto adentramos o universo da Ciranda das Curandeiras, pois é essa natureza do apoio psíquico do mito no qual se pauta as atividades, discursos e efeitos

de sentido do grupo. A Ciranda também oferece esse apoio a mulheres que, curiosamente, possui rituais e discursos.

Em outra pesquisa, em análise dos textos midiáticos, Contrera (1996) considera o mito a matriz geradora dos textos da cultura. Em seus estudos, a autora analisou a produção de sentidos por meio do jornal diário, da telenovela e do cinema, em relação à forma, conteúdo e modos de circulação das mensagens na sociedade. Em posterior pesquisa, Contrera (2000) analisa a presença e características do mito de Pan, nos meios de comunicação, cuja influência incita o estado de pânico no indivíduo (em que tudo acontece aqui e agora) e como é construído coletivamente esse psiquismo, por meio da mídia de massa, a partir de diálogos entre Psicologia e Antropologia. Interessa-nos, em essência, a definição da autora sobre o papel do mito na cultura:

O mito (juntamente com os sonhos, as variantes psicopatológicas e os estados alterados de consciência) é considerado fonte básica a partir da qual os textos/tramas da cultura são tecidos. Um tecer que tem um movimento contínuo que entendemos aqui como sendo comunicação viva no seio da cultura – uma constante reciclagem e elaboração de conteúdos fundantes da condição humana. (CONTRERA, 1996, p. 18)

Em todo o mundo, os mitos são um tipo de representação ontológica do homem. Nesse sentido

[...] toda mitologia fala de outro plano que existe paralelamente ao nosso mundo, e em certo sentido o ampara. A crença nessa realidade invisível, porém poderosa, por vezes chamada de mundo dos deuses, é um tema básico da mitologia. Tem sido chamada de “filosofia perene”, pois alimentou a organização mitológica, social e ritual de todas as sociedades até o advento da modernidade científica. (ARMSTRONG, 2005, p.10)

Toda cultura possui seu próprio sistema de mitos, entretanto, ao realizar um estudo comparativo das mitologias mundiais, Campbell (2002) nos leva a considerar uma força centrípeta onde os mitos de todas as culturas convergem em um ponto que é comum a todas, claro, em novas combinações ou variações, mas mantendo um eixo narrativo permanente, que é sempre o mesmo.

Ainda não se encontrou uma cultura humana em que esses motivos mitológicos não foram ensaiados em liturgias; interpretados por visionários, poetas, teólogos ou filósofos; apresentado nas artes; exaltados em canções;

experienciados extaticamente em visões engrandecedoras da vida. (CAMPBELL, 2002, p. 23)

Para Campbell (2008), o homem não consegue estar no universo sem acreditar em algum arranjo de herança mítica. No campo da antropologia, há uma vasta coleção de interpretações sobre o mito e, segundo Rocha (2008), para a interpretação do mito como forma de compreender uma determinada estrutura social, a antropologia faz uma analogia do mito com o contexto social. Dessa forma, o mito revela o pensamento de um grupo social.

Os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. (ELIADE, 2010, p. 11, grifo do autor).

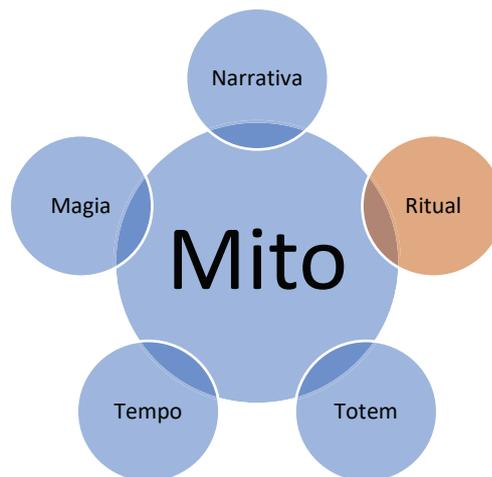
Se o mundo é “fundamentado” pelo mito, como aponta Eliade, significa que o mito proporciona uma determinada estrutura dos textos da cultura. O mito é um texto que estrutura outros textos, portanto, há uma interdependência entre o sistema mítico, as linguagens e o comportamento social, em que “a mitologia é considerada um reflexo da estrutura social e das relações sociais (LÉVI-STRAUSS, 2008). E, de acordo com Brandão (2009) decifrar o mito é um decifrar a si mesmo.

Contudo, Barthes (2001) aborda o mito de uma forma distinta, afirmando que se trata de uma fala escolhida pela história e, sendo uma fala, o mito traz uma mensagem, trama de signos e significados, portanto, é também linguagem. Como texto da cultura, ele possui uma estrutura organizada em códigos e signos que se manifesta, por exemplo, por meio da língua falada, o primeiro meio de expressão do mito. Barthes (2001) mencionou que “o mito é um sistema de comunicação” e, portanto, “um modo de significação”. Deste modo, o ritual da Ciranda das Curandeira é também um sistema de comunicação que produz significados – um sistema de significação, pois sempre seremos “criaturas em busca de sentido”. (ARMSTRONG, 2005)

O mito – bem como os símbolos e os rituais – é um texto que persistem na cultura. Sua insistência nos ambientes urbanos pós-modernos aponta para a necessidade humana de estar junto, compartilhar, criar vínculos.

Dentre as motivações desse desejo de estar junto certamente poderíamos apontar a perda da experiência religiosa (religare) que, intensificada na modernidade, não sobrevive ao espírito de nosso tempo. Órfãos da religião e da experiência mística que somos, resta-nos apenas esse “estar junto”, pálido resíduo do ritual. (CONTRERA, 2004, p. 18)

Por fim, o que nos interessa dentre tantos conceitos de mito é o de Camargo (2013) como um conjunto equilibrado entre narrativa, ritual, totem, tempo e magia (o mito como sistema). Em relação à Ciranda da Curandeiras, podemos afirmar que em si ela possui todos os elementos desse sistema. A **narrativa** está presente em mitos compartilhados em grupos, na fala da dirigente, nas histórias e depoimentos de capa mulher participante. O **totem** (totemismo) marca desde as materialidades da Ciranda das Curandeiras – todos os tipos de objetos usados nos rituais até elementos da natureza ressignificado no grupo que ganham sentidos culturais. O **tempo** (temporalidade) está presente nessa relação entre o imaginário e a realidade, entre o passado (a ancestralidade) e o presente (atualidade), passando pela ideia do tempo mais lento do olhar para dentro, do esperar as coisas acontecerem. A **magia** está no seu sentido amplo de ação transformadora da natureza, de manipulação das substâncias, alquimia que busca mexer com a essência do feminino e assim modificar a condição psíquica, anímica e orgânica das mulheres inseridas em uma cultura falocêntrica. E, finalmente, integrando tudo e dando forma à narrativa e transitando entre o tempo do imaginário e o tempo real-histórico se encontra o **ritual**. É pelo ritual que o mito se faz presente na Ciranda das Curandeiras, é pelo ritual que os sentidos do grupo são movimentados da dirigente às mulheres, é pelo ritual que signos, sentidos, significados e símbolos alimentam o imaginário e recompõe um tipo de vivência/experiência que as mulheres há muito tempo estão afastadas. Vamos prestar mais atenção aos sentidos do ritual, destacando-o desse sistema.



3.2 O RITUAL NO SISTEMA MÍTICO

Considerando que todo ritual possui uma determinada estética performática que compõe as identidades ao incitar o “jogo de cena” entre os atores sociais, conforme Goffman (1985), na vida social, os sujeitos são hábeis em escolher seu palco, sua história, seu figurino conforme o público com o qual interagem, procurando sempre manter a coerência, promovendo ajustes no decorrer da interação com os outros. No caso da Ciranda das Curandeiras, cenários, narrativas, figurinos, sons, discursos, músicas, sensações e sentimentos compõem novas identidades da clientela ou os despertares de identidades dormentes de mulheres urbanas, contemporâneas, líquidas – o que confirma as palavras de Nietzsche ao dizer, em *Gaia Ciência*, que “a estética é fisiologia aplicada” e, ao lado dos conhecimentos científico e filosófico, a necessária e definitiva completude do “conhecimento estético” (CAMARGO, PEREIRA e STECZ, 2016).

É a partir desse conhecimento estético, ou seja, um conhecimento que se dá por meio da abertura dos sentidos do corpo para o novo, para a experiência do outro e com o outro que o ritual se faz importante. O ritual na Ciranda das Curandeiras produz um conhecimento que é fruto de uma percepção de todos os sentidos e, principalmente, da propriocepção, esse sentido interno que olha para o corpo e para

si como um terceiro. A propriocepção é também uma forma de conhecimento que tem como objeto o si mesmo.

De qualquer forma, podemos considerar que ocorre sempre um deslocamento temporal duplo – tanto por parte das mulheres (individualmente) quanto do grupo (coletivamente). Um deslocar-se de um tempo real/histórico/ordinário para o tempo fantástico/a-histórico/extraordinário do ritual encenado, um deslocamento momentâneo que cessa ao fim da performance, ao fim do encontro. O ritual da Ciranda das Curandeiras promove o deslocamento do tempo real para o tempo sagrado (ELIADE, 2010). Portanto, os rituais a serem analisados encerram em si o mesmo deslocamento temporal duplo destacado por Schechner (1985) onde o sujeito se desloca do tempo histórico/real para dentro do tempo fantástico/imaginário do “sagrado feminino”.

Ao destacarmos a afirmação de Campbell (2007) de que o homem não consegue estar no universo sem acreditar em algum arranjo de herança mítica, apontamos para os estudos de Contrera (2010) sobre a mediosfera. A autora analisa que o desencantamento humano promovido pela ciência e todos os atuais mecanismos e aparatos de reencantamento do homem provocaram uma crise do sentido. Vivemos uma sociedade de “obesos anêmicos”, como diz a autora em *Mídia e Pânico* (2008), em que nosso imaginário está sendo substituído por imagens midiáticas, distanciando o homem da experiência (enriquecedora, mágica, estética e corporal) com a realidade, entre outros termos, a realidade propõe um reencantamento, mas não é a mesma experiência de outrora.

Desta forma, o estudo dos rituais tem suas origens nas áreas da Antropologia e Sociologia. Tal origem pode promover a emergência de preconceitos em relação a esta temática o que faz com que ocorra o afastamento desses estudos, fazendo com que percamos a possibilidade de absorver o que os rituais podem revelar (PEIRANO, 2003). Segundo Etzioni (2000) o ritual possui capacidade para se comunicar e inculcar valores de grande importância para uma sociedade ou grupo social. Nesse sentido iremos abordar os rituais como uma forma de perpetuar a cultura por meio da comunicação simbólica.

O ritual da Ciranda das Curandeiras se configura em um sistema complexo de códigos e signos no qual convergem outros sistemas igualmente complexos, porém

vamos citar os diretamente estimulantes aos sentidos tais como músicas, canções, orações e diálogos (som e fonação), os aromas (olfato), os toques, os abraços, a troca de olhares (tato), a ingestão de alimentos naturais (gustação), objetos, cores, formas, esculturas, imagens (visão).

Justamente por ser capaz de absorver diferentes elementos da Cultura Matrifocal e reordená-los seus objetivos é que a Ciranda das Curandeiras reproduz narrativas, temporalidades, ritos e simbolismos.

De forma geral, o ritual é o equivalente a pragmática do mito, isto é, o mito é o ser e o rito é o fazer. Na visão de Lévi-Strauss (1991), mito e ritual se complementam. Peirano (2003, p. 10) considera o ritual um fenômeno especial que aponta e revela representações e valores de uma sociedade, ao mesmo tempo em que expande, ilumina e ressalta o que já é comum ao grupo. Nesse sentido, a Ciranda das Curandeiras cumpre seu papel ritualístico, não só por dar forma ao imaginário, traduzindo-o em linguagem ritual, mas por operar sentidos que dão aos seus discursos uma dimensão fantástica, mágica e potencialmente mítica. Segundo Peirano (2003), o ritual é também caracterizado pela sequência ordenada e padronizada de palavras e ações estruturadas em graus variados de convencionalidade, estereotipia, condensação e repetição.

Para Da Matta (2010), a ritualização do mundo é o equivalente a uma produção cultural “porque ritualizar é inventar o drama e dramatizar é chamar atenção para alguma coisa que passava despercebida”. Nestes termos, a Ciranda das Curandeiras é o meio em que dramatizar e enfatizar constituem a sua essência. Os ritos da entidade são uma reconfiguração do mito da Grande Mãe (a Natureza e seu princípio criativo, feminino, maternal) para o qual as mulheres devem voltar, se reconectar. São os ritos por meio da dramatização (performance) que permitem o deslocamento do tempo da realidade para o tempo do imaginário (o tempo sagrado). Os significados da Ciranda das Curandeiras transitam, se movimento por meio do ritual e o momento da recepção ritualística é um espaço de encontro entre a narrativa mito-mágica e as mulheres. As mulheres que se deslocam de seu cotidiano para os encontros mensais da Ciranda se envolvem com realidades criadas pelos muitos enunciados presentes no ritual. Rocha (2010) explicita que esse envolvimento não modifica a essência do cotidiano, mas a perspectiva em relação ao mundo apresentado.

A matéria-prima com a qual se organiza o mundo do cotidiano e o mundo do ritual é idêntica. Dos mesmos materiais vivem o ritual e o cotidiano. Apenas o momento ritualizado revela uma combinação particular desses materiais. A diferença entre um e outro não é de essência, mas de posição. A combinação, numa determinada perspectiva, dos elementos e relações sociais do cotidiano é o que produz o momento ritualizado. (ROCHA, 2010, p. 181)

Outra característica do ritual é a sua natureza redundante operando no fluxo cíclico de um eterno retorno dos enunciados, dos discursos, das ideologias, dos significados. A repetição mensal dos encontros da Ciranda das Curandeiras reatualiza as mulheres acerca das histórias e recontextualiza os mitos.

A repetição possui uma função própria, que é a de tornar manifesta a estrutura do mito. Mostramos, com efeito, que a estrutura sincro-diacrônica que caracteriza o mito, permite ordenar seus elementos em seqüências diacrônicas (as linhas de nossos quadros) que devem ser lidas sincronicamente (as colunas). Todo mito possui, portanto, uma estrutura folheada que transparece na superfície, por assim dizer no e pelo procedimento de repetição. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 247)

Para sua mensagem ser lembrada, “[...] será necessário fazer o seguinte: repassar rapidamente, em pensamento, o primeiro lugar de cada série repetidas vezes, para reavivar a memória” (Retórica a Herênio, 2005). Portanto, a repetição da estrutura ritualística dos encontros da Ciranda das Curandeiras, em si, torna-se um recurso argumentativo de grande poder de persuasão, quando rememora o mito do sagrado feminino em forma de narrativa ritual.

É preciso considerar também que todo o conhecimento estético promovido pela Ciranda das Curandeiras possui um background cognitivo e ideológico sendo ao mesmo tempo próximo e distante da clientela. Às mulheres envolvidas só cabe a recepção, a compreensão e o domínio da tarefa de se entregar ao ritual e não o processo de produção de sentidos, que é naturalmente apagado durante o ritual. Em outras palavras, basta ser mulher para participar dos encontros e se entregar aos ritos, mas não ter um conhecimento aprofundado e sobre o processo de produção sêmica dos rituais. Esse distanciamento que a Ciranda das Curandeiras mantém da clientela é necessário, pois trata-se do espaço onde o mito reside. “O mito se aloja onde a explicação racional não alcança mais. [...] Isso porque, quanto maior a distância entre

a fonte de informação e o seu destinatário, maior o espaço para as explicações míticas se alojarem. (SIQUEIRA, 1999)

Todos esses aspectos fazem do ritual da Ciranda das Curandeiras não apenas uma experiência imaginal, mas uma reiteração das narrativas arcaicas presentes na cultura. Para Rocha (2010), o mito e o ritual são duas formas de uma cultura falar de si mesma e ambos são transformações um do outro; o mito e o ritual são um espelho da cultura, onde ela “destaca, focaliza, aproxima-se, coloca em close-up suas questões, impasses, dúvidas e paradoxos”.

Os encontros da Ciranda das Curandeiras tinham cerca de três horas de duração (das 19h às 22h) em média. Isso é um tempo cronológico, possível de ser medido. Mas existe outro tempo que opera por meio do ritual, o tempo do imaginário ou “tempo sagrado” (ELIADE, 2008).

No momento do ritual da Ciranda das Curandeiras, experimentamos esteticamente uma narrativa que transcorre no tempo, linearmente em um determinado espaço físico. Passado, presente e futuro não estão somente entrelaçados na tessitura de sentidos criada pelo ritual, mas, acontecem simultaneamente. Neste sentido, a concomitância de diversas temporalidades, durante o ritual da Ciranda, leva-nos à definição de Eliade (2008) para o tempo sagrado e o tempo profano. Para o autor, o tempo profano é o tempo histórico, previsível, linear e cronológico, o tempo dos homens; o tempo sagrado é representado por um tipo de fuga do cotidiano, um tempo que não pode ser medido, o tempo dos deuses, enfim, um tempo mítico. Conforme o autor, o tempo sagrado não flui, não constitui uma duração irreversível, mantém-se sempre igual, não muda nem se esgota. O tempo sagrado “se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico” (Eliade, 2008).

Em sua duração profana, em média, de três horas, o ritual da Ciranda das Curandeiras funciona como fuga do cotidiano. É a fuga do tempo histórico em que estão inseridas as mulheres. O tempo do ritual é um tempo sagrado, um tempo em suspensão em meio a nosso sistema cultural apressado e feérico. Esteticamente, todos os sentidos são estimulados durante o ritual da Ciranda criando imagens e mundo paralelo que atua como duplo do real, ao mesmo tempo promovendo um tipo de reconexão entre realidade e imaginário, cultura e natureza, consciente e

inconsciente, indivíduo e coletividade. O ritual é a comunhão entre o real e seu duplo (sua sombra), perdido em algum momento da história pós-moderna do homem após a cisão entre o humano e o mítico. Valores, sensações e ideologias concatenados na tangibilidade promovida durante o ritual.

Quando nos deparamos com produtos midiáticos, é muito claro que seu consumo representa um ato de produção de sentido sociocultural. Entre emissor e receptor acontece um movimento de significados entre ambos, mesmo princípio que norteia todas as relações de consumo – considerando que estes papéis não são fixos, ou seja, na comunicação todos são emissores e receptores ao mesmo tempo.

A mídia possui um suporte igualmente identificável e relativamente tangível: ondas eletromagnéticas, o papel, a tela, os pixels. Salvo o quesito “suporte”, se mostra como um grande desafio a observação e análise das trocas simbólicas que ocorrem entre grupos socioculturais atuantes no segmento de terapias alternativas e sua clientela. A Ciranda das Curandeiras, de Curitiba, é um grupo que resgata materialidades, significados e discursos da cultura matrifocal, outrora trancada nos porões da sociedade por uma tradição cultural claramente centrada em um patriarcado, na qual os valores relacionados à natureza feminina foram esquecidos ou marginalizados.

O grupo observado promove o consumo ritual de narrativas que são rememoradas, renovadas e experimentadas pelas mulheres em cada encontro. Assim, a Ciranda das Curandeiras cumpre seu papel ritualístico, não só por dar forma ao imaginário, traduzindo-o em linguagem e signos que atingem todos os sentidos e afetos, mas por operar sentidos resultados da imersão corporal e espiritual das mulheres, ganhando, muitas vezes, uma dimensão fantástica, mágica e potencialmente mítica.

Portanto, as narrativas da Ciranda das Curandeiras são consumidas por meio do ritual e tais narrativas são também vivenciadas esteticamente pelas mulheres.

A aisthesis, nesse sentido, é o ponto de partida para uma nova poiesis – uma comunicação é, portanto, um ato estético na medida em que é a reconstrução poética de uma sensação que se pretende externar, expressar para além de si mesmo e compartilhar, causando uma sensação similar em outro indivíduo. Não é possível, portanto, pensar em uma oposição entre produção e recepção de uma mensagem, mas em um contínuo dialético intermediado pelo tempo em ação na consciência do sujeito. (MARTINO, 2007, p. 32)

A informação contida na “segunda realidade” (B STRINA, 1998) não é transmitida geneticamente, mas se mantém viva, como memória, perpetuada pela cultura por meio dos processos de significação. Sendo o ritual um espaço de narrativas, ao lidar com diversos processos de significação, os encontros da Ciranda das Curandeiras tornam-se um espaço de manutenção da memória coletiva, por meio da forma (o ritual) e do conteúdo (as mensagens), indissociáveis e complexos.

Com base nos conceitos de Pross (1972), Baitello Junior (2010, p. 106) explica que “[...] a mídia primária nada mais é do que a utilização do próprio corpo como produtor de linguagens, gestos, sons, movimentos, cheiros, feições, posturas” e que, mesmo com a complexificação das mídias (com a presença das mídias secundárias e terciárias, o corpo ainda permanece como origem e destino de toda comunicação humana. O corpo é a principal mídia durante os rituais da Ciranda das Curandeiras, ele comunicação, medeia os sentidos e recebe a cura, ao mesmo tempo. Segundo Pross (1971), o corpo é classificado como mídia primária, ao passo que emissor e receptor não necessitam de aparatos para se comunicarem.

Dessa forma, o ritual da Ciranda das Curandeiras opera como suporte sobre o qual são criados, reformulados e movimentados diferentes sentidos entre a cultura matrifocal e os sujeitos, compondo o imaginário de um determinado grupo social, no caso, das mulheres praticantes. Portando essa premissa, em nosso trabalho de estudo dos rituais buscaremos destacar as relações entre a cultura matrifocal e sua resignificação na atualidade por meio de uma análise do ritual.

4 POR DENTRO DA CIRANDA – ANÁLISES

4.1 CIRANDA DAS CURANDEIRAS - UMA CONVERSA SOBRE OS SAGRADOS (06/07/2017)



Figura 1 - Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.

Primeira quinta-feira do mês de Julho, ciranda sobre os sagrados. Vamos eu, marido e filho de 3 meses. Chegamos atrasados já estavam todos sentados em roda, cerca de 30 pessoas. Babi nos recebe com uma tradicional queima de ervas para limpeza das energias exteriores. Uma preparação pra sentar na roda. Esse cheiro de erva nos deixa instantaneamente mais calmos, presentes, relaxados. Sentamos e começamos a falar sobre o encontro. A sacerdotisa pede que eu conte um pouco da minha história com a ciranda, Joaquim serve quase como um troféu ali. Ele é um fruto material do que a ciranda pode fazer. Conto a história já relatada nesse trabalho e seguimos. Babi explica o tema do dia, vamos falar sobre o sagrado feminino e o sagrado masculino. Antes disso iremos tomar o floral. Ela explica que os florais são preparados das flores da Amazônia, que cada flor tem seu significado e uma

mensagem que foi recebida pelos canalizadores dessa medicina da floresta. Cada participante levanta e escolhe um floral, seu significado é lido em voz alta, ele toma o floral e volta pro seu lugar. Assim sucessivamente com todos os presentes, inclusive a sacerdotisa. Eu pego o floral de espada de São Jorge, é um escudo de proteção para quem toma. Assim que terminamos de tomar os florais A Facilitadora explica a próxima atividade. Devemos nos levantar e andar pela sala, nos olhando. Andamos no início em círculo e depois vamos trocando as direções. Ela pede que façamos grupos conforme vamos sentindo vontade de ficar perto de uma ou outra pessoa. Já em grupos nós sentamos. Então ela pede que conversemos sobre o que significa o sagrado feminino e o sagrado masculino. Na minha roda falamos sobre as habilidades femininas e masculinas contidas em todos os seres. O cuidado é algo feminino e sagrado, a proteção masculina e sagrada e que ambos estão nos seres, sejam eles mulheres ou homens. O plantio masculino e a manutenção feminina. Como a natureza era completa por ter ambas as habilidades equilibradas e como a sociedade está desequilibrada por conta de desrespeitar o sagrado feminino em todos os seres, sejam homens ou mulheres. Encontramos o sagrado em nós mesmas, nas nossas ações cotidianas. Depois começamos a trocar informações entre os grupos. Um grupo disse que o sagrado era voltar as raízes, a essência de cada ser. O outro falou sobre como o patriarcado fez com que a gente perdesse a noção do que é o sagrado, que o sagrado tornou-se uma coisa mágica e fora do ser. Também foi citado a fragilidade do ser masculino, onde o feminino não pode habitar, ou seja, que o homem não pode acolher o seu sagrado feminino ou suas habilidades femininas, por que assim perde o seu lugar de poder social. A discussão seguiu relacionando as violências cometidas em nome de um masculino que também não é sagrado, não é da essência do homem ser violento. Discutimos como estamos nessa transição de reconhecer o sagrado em nós mesmos e valorizar o feminino na sociedade. Encerramos a discussão e fomos pra roda de chanupa – cachimbo sagrado que quando acesso comunica o plano terreno com o plano espiritual. Cada participante acendia e soltava a fumaça como um rezo, aquele que sentia vontade fazia o rezo em voz alta. Alguns agradeceram a

oportunidade de estar ali falando sobre seus anseios, outros disseram que aprenderam muito sobre o assunto. Terminamos com uma foto de todos juntos.



Figura 2 – Foto de divulgação do evento.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 3 – Foto de divulgação do evento.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 4 – Foto de divulgação do evento.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.

4.2 CIRANDA DAS CURANDEIRAS - APRENDIZADO DE CANTOS CERIMONIAIS (03/08/2017)



Figura 5 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.

Primeira quinta-feira de Agosto. Dia de cirandar. Começo a pensar no ritual que faço antes da ciranda, agora ele também faz parte da minha pesquisa. Eu penso primeiro em tudo que me aconteceu nessa semana. Penso também em o que em mim precisa de atenção. O tema desse mês eu gosto muito, adoro cantar músicas de medicina. Elas representam o poder da voz, o poder do canto. Penso que o canto com amor tem muito poder e eu amo cantar. Depois penso que eu tenho vergonha de cantar, não canto perto de ninguém porque eu canto mal. Sou desde pequena ensinada a não cantar porque atrapalho as pessoas perto. Lembro de como isso me dói. Depois recordo que agora mãe meu filho ama minha cantoria, dorme com ela. Ela cura o sono do meu bebê. O meu canto começa a ter valor. Porém ele vem acompanhado de um papel social, o materno. Vou com isso no coração, pensando nessa cura.

Chegando na ciranda revejo as meninas, conversa vai e conversa vem esqueço do meu objetivo. Entramos na sala, estamos em poucos hoje, não consigo

contar, estou um pouco avoada. Estou com meu filho e marido, meu bebê também está agitado. Começamos a ciranda, a pauta do dia é o poder dos cantos. De como cada tribo, cada comunidade tem o seu canto. As nações também se encaixam nessa afirmação. Depois também notamos o quanto não é natural quando alguém que não cresceu naquela comunidade tenta cantar daquela forma, algo não encaixa perfeitamente. Babi começa a falar sobre notas, tons, coisas técnicas do canto.

Tomamos o floral. Não me recordo qual eu tomei, realmente não estava focada nesse dia. Algo começava a tirar minha concentração. Costuma-se dizer que nesses casos não se está pronto praquela cura, no meu caso lidar com a não aceitação de mim mesma, gerada pela falta de empatia social com aqueles que não encaixam nos padrões exigidos. Meu filho começa a chorar, meu marido sai com ele da sala tentar fazer dormir. Volto a me concentrar. Vamos começar os cantos. Começamos os exercícios. Saio da sala ver o bebê. Estou nitidamente não querendo fazer parte do exercício, não é esse canto que eu gostaria de aprender, quero o canto natural, do coração. Aquele que fica lindo quando canto em um trabalho de cura. Volto para a sala.

Vamos cantar, fecho os olhos, não sei a letra de cor mais pouco importa. Eu quero cantar, sentir a música em mim. Babi canta. Todos cantam, eu me solto, volto a mergulhar na minha cura. Eu sei cantar, não exatamente o que os outros querem ouvir, mas cantar é parte de mim e eu quero acolher. Vamos mudando as músicas, cada canção vem carregada de história, de misticismo que a Babi vai nos passando. O canto age nas pessoas, liberta, emociona. Assim vamos até o quinto canto, quando acaba nosso tempo e precisamos parar. Voltamos a sentar.

Passamos a chanupa, cada um que pede a palavra conta como se sentiu, o que significou. Eu não falo nada, estou atordoada, ainda vou demorar pra assimilar tudo que preciso. Encerramos. Sorriso pra foto!



Figura 6 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 7 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 8 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 9 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.

4.3 CIRANDA DAS CURANDEIRAS - ESPELHO DO CORAÇÃO (14/06/2017)



Figura 10 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.

Depoimento escrito no dia do evento e transcrito de forma literal.

Foi uma noite muito aconchegante, começamos com uma roda de conversa logo na cozinha, acompanhada de um bolo delicioso de cenoura e chás. Ali já comecei a entender quem seriam minhas companheiras da noite. Acostumada apenas com mulheres nas rodas da Ciranda, esta noite nos acompanhou um único homem, aberto a todo saber que seria compartilhado, fato que me deixou muito alegre, pois entendo que só construímos algo quando entendemos o diferente do que estamos acostumados. A busca da cura do masculino junto com o feminino.

Começamos a roda com uma defumação de sálvia, super leve e em paz, seguido de uma conversa sobre o que são os Florais da Amazônia, arbustos, aterramento, estrutura e informação sobre as raízes que são capazes de proporcionar transformações que vem do alto.

Contamos as nossas experiências com o floral, para quem nunca tinha usado e fizemos outras partilhas de conhecimento e informação. Olhando com carinho para cada palavra dita, tive um novo olhar sobre as minhas próprias experiências. Tiramos os florais, tomamos e começamos uma dinâmica que teve abraços, meditação, respiração e escrita sobre o nosso próprio coração. Finalizamos com o cachimbo, com o trabalho de escutar o outro, e silenciar até o nosso momento de falar. A noite terminou com um abraço coletivo delicioso e a certeza que são momentos como este que nos fazem evoluir e repensar.



Figura 11 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 12 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 13 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 14 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 15 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 16 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 17 – Imagem usada na divulgação da roda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.

4.5 DIÁRIO DE BORDO – A ÚLTIMA CIRANDA DAS CURANDEIRAS (07/12/2017)



Figura 18 – Convite Última Ciranda.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.

Assim que recebi esse convite levei um susto. Última ciranda! A chamada já dava o tom do encontro. Era uma despedida, uma feliz despedida.

Chegando na Casa João de Barro (espaço onde são oferecidas as rodas) avistei várias caras conhecidas. Na entrada havia um diário e uma câmera para deixar gravado depoimentos sobre como a ciranda transformou cada uma, quais as experiências vividas nesses 4 anos de projeto.

Na mesa do lado alguns produtos naturais (toda sessão tem alguma coisa sendo vendida ali, muitas das meninas são artesãs, fazem cosméticos, acessórios femininos, algo relacionado ao ciclo menstrual e etc). O tradicional café na mesa, cada produto trazido uma integrante para compartilharmos. A grande maioria dos produtos naturais, alguns feitos pelas mesmas.

Entro na sala e a roda já está se formando. Estamos em cerca de 30 meninas, cada uma com sua característica, mas muito parecidas entre si. Quase todas de saia longa. Hoje tem uma com roupa de dança do ventre.

A Babi começa com a defumação de ervas, nos limpando e harmonizando o ambiente. Conta que essa é a última apenas por ser, nada de especial, segundo ela é o curso que deve ser tomado, algo sagrado, recebido pelos seus guias. Pede que contem histórias da ciranda.

Galadriel Shaimanaium Hainá -îara uma terapeuta holística especializada em animais começa a contar sua história: Veio para a Ciranda com uma timidez enorme. Como ela mesma disse: era dura! Começou a olhar pra si mesma, acolher o seu feminino ferido, perceber que era parte de um todo, que refletia outras mulheres assim como elas refletiam a ela. Aos poucos foi conhecendo o sagrado feminino, se entregar e na última ciranda conta que se tornou dançarina de dança do ventre. Algo que ela jamais imaginava. Dançou para todos ali presentes, com muita alegria.

Várias meninas contaram o seu processo ao longo desses anos, todos com o mesmo carinho e com coro de libertação, autoconhecimento e cura emocional. Empoderamento!

Essa noite a Babi preparou um brownie para compartilharmos, tem um gosto a mais esse encontro. Vamos tirar os florais e junto com ele um pedaço de brownie. Os florais têm significado, coloquei alguns aqui nos anexos para exemplificar, hoje eles tem ainda mais significado são os últimos da ciranda.

O encontro seguiu. Depois do floral fizemos uma dinâmica de nos olharmos, nos abraçarmos e formamos duplas que viraram quartetos para compartilhar um abraço, um ombro amigo, um olhar. Foram quase 40 minutos em silêncio, se observando e observando umas às outras.



Figura 19 – O evento.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 20 – O evento.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 21 – O evento.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 22 – Os florais.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 23 – O evento.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.



Figura 24 – O evento.
Fonte: Ciranda das Curandeiras.

A ciranda das curandeiras, ao contrário da primeira impressão que o nome da, não traz símbolos explícitos religiosos ou da cultura matrifocal. Porém as participantes demonstram ter conhecimento sobre o tema e interesse em discutir sobre ele. Como abordado no capítulo sobre ritual, o mito presente na ciranda das curandeiras é mais forte do que os símbolos expostos. A grande mãe – arquétipo feminino encontrado no imaginário da roda – é cultuada nas entrelinhas, nos discursos, músicas e também nos objetos encontrados no altar (florais e tabaco).

Não existe no ritual das curandeiras um altar com imagens da deusa ou da grande mãe, porém o culto ao feminino na fala da sacerdotisa e das participantes, também no assunto e na linguagem dos convites do evento. Ou seja, existe uma memória coletiva formada a partir desse encontro mensal.

Pereira, Camargo e Stecz no livro *Arte e Conhecimento Tudo a Ver* explicam como esse processo de criar memórias ocorre; trata-se da memória implícita e da memória explícita. “A memória implícita constitui-se a partir da formação de conhecimento que ocorre de modo muitas vezes independente da consciência” (Pg. 76) e “produzida pela experiência subjetiva do corpo cognoscente, em sua relação com as coisas e os eventos do ambiente concreto e real (do qual faz parte dos corpos humanos). A memória explícita provem da percepção, leitura e interpretação de signos objetivos naturais e culturais, para a comunicação de informações partilháveis por linguagens e outras formas simbólicas.”

A ciranda das curandeiras produz memórias que acabam por produzir conhecimento sobre o “sagrado feminino” e conseqüentemente remetendo a cultura matrifocal ou seja, colocando suas participantes em contato com uma cultura de valorização do feminino e culto as mulheres.

Cada ação experimentada produz um sentido diferente. Por exemplo: o abraço na recepção. O abraço na ciranda é de acolhimento, de empatia, irmandade. Uma das características da grande mãe é o acolhimento de todas as mulheres desse planeta, a grande mãe acolhe no seu útero sagrado todas as mulheres juntas.

O cheiro das ervas cria uma atmosfera sagrada, uma lembrança social implícita do poder das ervas que popularmente é um poder feminino. Traz uma lembrança que não vivida mas está no imaginário popular que são as bruxas e

feiticeiras queimadas pela inquisição por terem o conhecimento das ervas e o poder de cura.

Visualizar apenas mulheres em roda produz o sentimento de segurança, comunhão. Mas uma vez lembramos da irmandade, da empatia. Também tem a questão da segurança, a mulher no patriarcado está sempre com medo de ser atacada. Existe um conto bastante popular que demonstra esse senso de segurança de estar entre mulheres: Eu entendo o feminismo quando estou numa rua escura e deserta e percebo que há alguém atrás de mim e quando olho para trás e percebo que esse alguém é uma mulher, meu coração para de palpitar e sei que ela também está feliz por me ver”

Falar e escutar produz o sentido da igualdade do pertencimento. A mulher na sociedade patriarcal é calada pelos homens em diferentes situações. Alguns termos em inglês foram criados para explicar o que ocorre frequentemente em relação a fala:

Maninterrupting – Quando um homem interrompe constantemente uma mulher, de maneira desnecessária, não permitindo que ela consiga concluir sua frase.

Mansplaining – Quando um homem dedica seu tempo para explicar algo óbvio a uma mulher, de forma didática, como se ela não fosse capaz de entender. O termo é uma junção de “man” (homem) e “explaining” (explicar).

Bropropriating – Quando um homem se apropria da mesma ideia já expressa por uma mulher, levando os créditos por ela. O termo é uma junção de “bro” (de brother, irmão, mano) e “appropriating” (apropriação). É algo que acontece muito em reuniões.

Gaslighting – (derivado do termo inglês *Gaslight*, ‘a luz [inconstante] do candeeiro a gás’) é um dos tipos de abuso psicológico que leva a mulher a achar que enlouqueceu ou está equivocada sobre um assunto, sendo que está originalmente certa. É um jeito de fazer a mulher duvidar do seu senso de percepção, raciocínio, memórias e sanidade. [FONTE: <http://movimentomulher360.com.br>]

Existe um bordão que a Babi usa: “mulheres sentadas em roda no ombro a ombro” que significa que na ciranda estamos todas no mesmo patamar, no mesmo nível. Ali a superioridade e a inferioridade não existem. Somos todas vítimas, porém todas poderosas e capazes de se curar.

O gosto do floral, repetidos ritualisticamente traz a esperança do equilíbrio emocional, até uma defesa da acusação de loucura que nos afeta quase que completamente como explicado pelo termo *Gaslighting*.

O conhecimento produzido pela ciranda é implícito e explicado da seguinte forma: O ato de conhecer se define pelo termo “cognição”. O conhecimento de/sobre algo só é possível a partir do registro mnemônico dessa coisa, ação, ideia ou afeto – de modo que não pode haver conhecimento sem acesso a algum tipo de memória que apreenda certas informações da coisa ou evento experimentado.

5 FECHANDO O CICLO – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura matrifocal é instigante. Eu passaria horas do meu dia debruçada em seus contos, suas estórias, suas magias. Ao mesmo tempo que são poucos os estudos publicados, o que dificulta a sua descrição e a comparação em relação ao patriarcado. A maioria dos estudos realizados tem uma conotação da literatura e não de história, a magia que se mantém em relação à ela é maior do que a veracidade dos fatos. Um bom estudo seria uma busca mais profunda em países que tiveram a cultura matrifocal e que tem essa lembrança viva, como a Escócia e o México por exemplo.

Na minha opinião existe uma nova cultura matrifocal surgindo. Resignificada e nascida depois de anos de patriarcado. Uma cultura que antes de cultuar a mulher por todos os seus aspectos mágicos precisa juntá-la de onde o patriarcado a deixou, no limbo social. Para os amantes da história eu indicaria uma varredura nas artes, esculturas, na história popular dos países que ainda mantém vivos os cultos às deusas. Em algumas conversas com meninas que já foram até esses locais europeus elas contaram que existem templos de pedras datadas de milênios atrás, que até hoje se realizam esses cultos. Inclusive o encontro mundial da Deusa

A sociologia poderia descrever os sistemas sociais e comportamentais presentes nessas culturas e comparar com essa nova matrifocalidade latente dos dias de hoje. Em Curitiba vários grupos se formaram durante esse estudo e são passíveis desse estudo já que o encontro aproxima as pessoas a ponto de ser possível observar roupas, gírias, crenças, alimentação parecidas entre as participantes.

Esse estudo também poderia ser realizado com grupos que se dizem celtas (religião matrifocal), wiccans (bruxaria), benzedeiras, rezadeiras, mulheres que realizam cerimônias da cura do útero – durante o estudo vários eventos dessa conotação aconteceram. Acontece em Curitiba anualmente também o festival do sagrado feminino que traz essas mulheres sacerdotisas de vários países, especialmente da América Latina e que merecem essa atenção.

Em relação aos rituais o que percebi que podemos analisar a partir desse olhar vários cultos religiosos não abordados pela academia, como é o caso do estudo que está sendo realizado pelo professor Hetz Wendel com a umbanda. O ritual

reproduz o imaginário existente no grupo e com a aplicação dessa análise é possível observar o que as palavras não são capazes de descrever. Os toques, sons, cheiros, odores e sabores de um ritual são únicos, até mesmo em cada edição do mesmo grupo. Por fim acredito que teria muito mais para destacar nesse estudo, porém o leque de leituras precisou ser amplo no início para que se afunilasse nessa percepção, precisando deixar para trás muitas curiosidades, histórias e conhecimento para um próximo estudo.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BARRETO, Tiago. **Vende-se em 30 segundos: manual do roteiro para filme publicitário**. São Paulo: Editora Senac, 2004.
- BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. DELTA [online]. 2015, vol.31, n.spe, pp.97-126. ISSN 0102-4450.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- _____. **O sistema dos objetos**. Trad.: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BLUMER, Herbert. **El Interaccionismo simbólico: perspectiva y metodo**. Barcelona: Hora, 1982. Cap. La sociedad como interaccion simbolica.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Perspectiva, 2007. Cap 2, 4 e 7.
- BRAGA, Adriana. **McLuhan entre conceitos e aforismos**. Revista ALCEU - v. 12 – n.24, jan./jun. 2012.
- CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silviane. **Identidade feminina - um conceito complexo**. Paidéia, 2004, 14 (28), 211 -220.
- CAMARGO, Hertz Wendel de. **Mito e filme publicitário: estruturas de significação**. Londrina: EDUEL, 2013.
- CAMARGO, Hertz Wendel de. **Linguagem e mito no filme publicitário: estruturas de significação**. Tese de doutorado em Estudos da Linguagem, UEL. 2011.
- CAMPBELL, Joseph. **Mito e transformação**. Trad.: Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2007.
- CANCLÍNI, Néstor G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. UFRJ, 2009. Introdução, cap. 4 e 5. SÉRIE ANTROPOLOGIA 283 ANÁLISES DE RITUAIS Mariza G.S. Peirano (org. e

intro.) Textos de: Antonádia M. Borges, Cinthia M.R. Oliveira, Cristhian Teófilo da Silva, Francisco C. O. Reis, Kelly Cristiane da Silva e Lea Tomass, Brasília, 2000.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia do cinema**. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Fetichismos visuais: corpos erópticos e metrópole comunicacional**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Pierre Bourdieu sobre gênero e educação**. Revista Ártemis N.1, João Pessoa-PB, 2004.

CASTAÑEDA, Marina. **O Machismo Invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz**. Ciências Sociais Unisinos 48(1): 52-60, janeiro/abril 2012 © 2012 by Unisinos - doi: 10.4013/csu.2012.48.1.06.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad.: Vera da Costa e Silva... [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

COELHO, Maria Claudia. **“Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções”**. Mana – Estudos de Antropologia Social, 16(2):265-285. 2010.

CONTRERA, Malena Segura. **O mito na mídia**. São Paulo: Annablume, 1996.

_____. **Mediosfera**. São Paulo: Annablume, 2010.

COSTA, Carolina Silva; SILVA, Antônio Sebastião. **Mídia e cultura: uma narrativa da Revista Veja sobre o indígena brasileiro**. Rev. comun. Midiática (online), Bauru/Sp, V.10, N.1, p. 108-123, jan./abr. 2015.

COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Papyrus, 1995.

COUTINHO, Laura Maria. **O estúdio de televisão e a educação da memória**. Brasília: Plano Editora, 2003.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad.: Hélder Godinho. São Paulo: Martins. Fontes, 2001.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad.: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ETZIONI, Amitai. **The monochrome society**. Princeton: Princeton University Press. 2000.

FERIN, Isabel. **Media e imaginários: estratégias de apropriação de conteúdos pelas brasileiras em Portugal**. Media & Jornalismo, (8) 2006, pp. 7-33.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMEZ, Guillermo Orozco. **Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos**. In: MORAES, Dênis de (org.). Sociedade midiatizada. Mauad, 2006.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

HABERMAS, Jürgen. **Passado como futuro**. Cap. 5. Tempo Brasileiro, 1995.

_____. **Teoría de acción comunicativa**. 2003. V. I y II. 1981.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. UFMG, 2006.

HERITAGE, John C. **Etnometodologia**. n: GIDDENS, A. & TURNER, J. Teoria social hoje. Unesp, 1999. p. 321-392.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. Editora 34, 2003. Apresentação e prefácio.

_____. **Teoria Crítica**. n: GIDDENS, A. & TURNER, J. Teoria social hoje. Unesp, 1999. p. 503-552.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad.: Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

_____. **O eu e o inconsciente**. Trad.: Dora Ferreira da Silva. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

KARNA, Leandro. PERES, Guilherme. **Religiões comparadas**. Disponível em <casadosaber.com.br/sp/media/mediauploader//r/e/relatorio.pdf>. Acesso em 12 de setembro de 2017.

KRHON, Rodrigo. **A chuanupa, o cachimbo sagrado**. Disponível em <nossoamanha.ig.com.br/xamanismo/2016-10-02/chanupa-cachimbo-sagrado>. Acesso em 24 de setembro de 2017.

LALANDA, Piedade. **Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica**. Análise Social, vol. xxxiii (148), 1998 (4.º), 871-883.

LEMES, Marion S. R. **As sociedades matrifocal e patriarcal na Era Arturiana: A representação de Morgana, em As Brumas de Avalon**. Curitiba, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Trad.: António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 2007.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas, SP: Papirus: 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. In: MORAES, Dênis de (org.). Sociedade midiatizada. Mauad, 2006.

MARTINO, Luiz C. **Pensamento comunicacional canadense: as contribuições de Innis e McLuhan**. Comunicação, Mídia e Consumo, vol. 5, n. 14, ESPM, São Paulo, 2008.

MCCOMBS, Maxwell. **Um panorama da teoria do agendamento, 35 anos depois de sua formulação**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 31, n. 2, jul/dez. 2008.

_____. **Setting the agenda. The mass media and public opinion**. Polity Press, 2004. Cap. 1 e 3. (Edição brasileira pela Vozes, 2009. Teoria da agenda).

MCCRACKEN, Grant. **Cultura & consumo II: mercados, significados e gerenciamento de marcas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (1964) Cultrix, 2002. Primeira parte.

MENEZES, L. M. **A realidade construída pela produção documental participativa**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 26, p. 227-238, dez. 2013.

MU LAERT, Camila Junqueira et al. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, vol. 48, n. spe2, São Paulo, dez.2014.

NATANSON, Maurice. **Introdução do livro El problema de la realidad social**. Amorrortu, 1974.

NORTHRUP, C. **Corpo de mulher, sabedoria de mulher**. Lisboa: Sinais de Fogo, 1998.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Annablume, 1993.

PERSE, Elizabeth. **Media effects and society**. 2001.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa ação**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

ROCHA, Everardo. **Culpa e prazer: imagens do consumo na cultura de massa**. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v. 2, n. 3, p. 123-138, março de 2005.

_____. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

RODRÍGUEZ, Ángel. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual**. Trad.: Rosângela Dantas. São Paulo: 2006.

ROEDERER, Juan. **Introdução à física e psicofísica da música**. Tradução: Alberto Luis da Cunha. São Paulo: EDUSP, 2002.

ROSA, Ronel Alberti da. **Música e mitologia do cinema: na trilha de Adorno e Eisler.** Ijuí (RS): 2003.

SCHÜTZ, Alfred. **El problema de la realidad social.** Amorrortu, 1974. Introdução e Terceira Parte.

_____. **Sobre fenomenologia e relações sociais.** Vozes, 2012. Introdução e Cap. I e II.

STRÔNGOLI, Maria Thereza de Queiroz Guimarães. **O imaginário da menina e a construção da feminilidade.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 26-40, out./dez. 2009.

SILVA, Cristina da Conceição; ROCHA, José Geraldo da; LEMOS, Fábila de Castro. **A narrativa como aporte metodológico na pesquisa qualitativa.** Revista Philologus, Ano 19, N° 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2013 – Suplemento. R454.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo.** São Paulo: Annablume, 1999.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil.** São Paulo: Cortez Editora, 1994.

SOUSA, Marco Túlio de. As narrativas do Reino: **Análise narrativa de programas televisivos da Igreja Universal nas madrugadas mineiras.** Belo Horizonte, v. 12, n. 36, p. 1415-1416, out./dez. 2014 – ISSN 2175-5841.

TÁVOLA, Artur da. **Comunicação é mito.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

VIEIRA, Taís Borin. **Gênero e religião: paganismo e o culto à Deusa na contemporaneidade.** Porto Alegre, 2011. 79 f. Diss. (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, PósGraduação Psicologia Social, PUCRS.

WACQUANT, Loïc J. D. **O legado sociológico de Pierre Bourdieu.** Revista Sociologia e Política, Curitiba, 19, p. 95-110, nov. 2002.

WELLER, Wivian; OTTE, Janete. **Análise de narrativas segundo o método documentário. Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas.** Civitas. Porto Alegre v. 14 n. 2 p. 325-340 maio-ago. 2014.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

APÊNDICE - ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

As entrevistas semiestruturadas foram feitas no início do estudo com o intuito de conhecer quem eram as participantes da ciranda. Foi importante realiza-las para termos um parâmetro no início da pesquisa. As respostas deram a noção do público diversificado que o grupo possui, além de conhecer um pouco desse mito sagrado que tratamos durante a pesquisa. Segue para fins de conhecimento:

Identificação	A
Idade	52
Escolaridade	Pós-graduação
Formação Holística	Não tenho
Religião antes da Ciranda	Mística
Religião pós a Ciranda	Mística
Comente sobre mudanças ocorridas no nível pessoal e/ou social depois de sua participação na Ciranda:	Sair do marasmo, compreensão de mim mesma
Quantas vezes você participou dos rituais da Ciranda?	De 2 até 4 vezes
Quando você entra em contato com a expressão/palavra PATRIARCADO quais os sentimentos ou pensamentos surgem na sua cabeça?	Submissão, castração, desigualdade
O que você entende por CULTURA MATRIFOCAI?	Cultura ancestral que equipara seres de ambos os sexos e tem na mulher como deusa
Depois da sua vivência/experiência na Ciranda, como você vê o conceito de feminino/masculino hoje?	Ainda sobram desigualdades e o homem continua muito abusado e invasivo
Durante o ritual da Ciranda, quais sentimentos e/ou pensamentos são despertados em você?	União, paz, cooperação

Descreva sua participação no ritual da Ciranda atentando para os detalhes desde sua chegada (começo) até o término da cerimônia.	Coração aberto. Boa disposição com as irmãs para abraçar. Expectativa para a roda. Um pouco de tensão que vai se dissolvendo até tomar floral. As práticas acalmam. Alívio e reflexões que se leva.
---	---

Identificação	B
Idade	38
Escolaridade	Superior Completo
Formação Holística	Nenhuma
Religião antes da Ciranda	Hare Krishna
Religião pós a Ciranda	Hare Krishna
Comente sobre mudanças ocorridas no nível pessoal e/ou social depois de sua participação na Ciranda:	Me senti mais aberta e atenta em respeitar minha intuição, mais atenta às energias sutis
Quantas vezes você participou dos rituais da Ciranda?	De 2 até 4 vezes
Quando você entra em contato com a expressão/palavra PATRIARCADO quais os sentimentos ou pensamentos surgem na sua cabeça?	Submissão, abuso, machismo e desrespeito
O que você entende por CULTURA MATRIFOCAI?	Cultura que respeita e se baseia nos conhecimentos e saberes femininos
Depois da sua vivência/experiência na Ciranda, como você vê o conceito de feminino/masculino hoje?	Duas forças complementares, inerentes em todos, que precisam ser trabalhadas e curadas para que se encontre o equilíbrio e a harmonia, dentro das relações e em cada um de nós
Durante o ritual da Ciranda, quais sentimentos e/ou pensamentos são despertados em você?	a cura de mágoas em relação ao feminino e também a aceitação da força feminina dentro de mim
Descreva sua participação no ritual da Ciranda atentando para os detalhes desde sua	Participei de apenas dois encontros, em ambos fui bem recebida com um lanchinho antes do início, onde pude conhecer e conversar com outras mulheres. Como já faz bastante tempo não lembro perfeitamente da cerimônia,

chegada (começo) até o término da cerimônia.	no primeiro houve uma dinâmica em que escrevíamos no papel os papéis femininos que desempenhamos e qual o sentimento em relação a cada um deles, depois trocamos esses papéis e outra mulher lia como se fosse ela, e relatava o sentimento gerado por aquelas palavras, depois tomamos os florais da Amazônia e fizemos uma roda de cachimbo onde cada uma relatou sua experiência com a dinâmica(não lembro a ordem em que as práticas aconteceram). Na segunda participação era aniversário da ciranda então no lugar da dinâmica teve um momento de cantos com tambor, é além dos florais da Amazônia, também tinha os florais iapuna, a roda de cachimbo também aconteceu e tivemos o momento para falar (não lembro se havia algum tema específico). Ao final, lanche e despedida das novas " coleguinhas " , algumas mantenho contato via facebook até hoje foram experiências agradáveis, porem como o grupo era sempre grande e de mulheres estranhas a cada encontro , não me senti inspirada a voltar, particularmente prefiro grupos menores, onde possamos manter algum vínculo e criar intimidade e segurança, como amigas irmãs, mas a experiência não só da ciranda, mas de outros atividades naqueles meses, me abriram as portas para buscar conhecimento e a curar meu feminino que andava esmagado e sufocado em algum canto do meu ser. Hj felizmente muita coisa mudou e sou muito grata a todas as experiências e pessoas que fizeram parte deste despertar.
---	---

Identificação	C
Idade	26
Escolaridade	Pós-Graduação
Formação Holística	Gineterapia
Religião antes da Ciranda	Sem religião - aberta para a espiritualidade
Religião pós a Ciranda	Sem religião - aberta para a espiritualidade
Comente sobre mudanças ocorridas no nível pessoal e/ou social depois de sua participação na Ciranda:	A ciranda foi o primeiro passo na direção dos meus novos caminhos de cura e como terapeuta. Conheci muitas mulheres que pensam de maneira diferente do que a sociedade tradicional espera e esses encontros me abriram portas para tomar coragem para seguir um caminho que vibra com a minha alma.
Quantas vezes você participou dos rituais da Ciranda?	Quase todas as edições (mais de 4 vezes)
Quando você entra em contato com a expressão/palavra PATRIARCADO quais os sentimentos ou	Vitimização, opressão, tristeza, agressão, violência, medo.

pensamentos surgem na sua cabeça?	
O que você entende por CULTURA MATRIFOCAI?	É a cultura do equilíbrio entre o masculino e o feminino, com foco na figura feminina (Deusa)
Depois da sua vivência/experiência na Ciranda, como você vê o conceito de feminino/masculino hoje?	Difícil colocar a experiência apenas da ciranda, pois quando tive contato, muitos outros círculos de mulheres se abriram e aprendo muito com todos eles. Mas em relação aos conceitos de masculino e feminino, vejo hoje, um movimento de cura dessas duas energias que vivem dentro de nós. Apenas harmonizando essas energias é que podemos construir (e já estamos fazendo isso) um novo caminho baseado nas leis do amor. Mas ainda há muito trabalho e muitas curas a serem feitas, em níveis pessoais e transpessoais.
Durante o ritual da Ciranda, quais sentimentos e/ou pensamentos são despertados em você?	Entrega, alegria, bem-estar, irmandade, não-julgamento.
Descreva sua participação no ritual da Ciranda atentando para os detalhes desde sua chegada (começo) até o término da cerimônia.	Tudo é pensado como forma de alimentar o amor e a irmandade; desde o lanche antes e depois do ritual, assim como a escuta empática por parte das irmãs e os insights que vêm durante os processos ritualísticos. Incensos, preparação do altar, música, tudo contribui para que tenhamos uma experiência além do mundo real.

Identificação	D
Idade	32
Escolaridade	Pós-Graduação
Formação Holística	Não
Religião antes da Ciranda	Espirita
Religião pós a Ciranda	Espirita
Comente sobre mudanças ocorridas no nível pessoal e/ou social depois de sua participação na Ciranda:	maior reflexão sobre meus próprios atos e busca maior do autoconhecimento
Quantas vezes você participou dos rituais da Ciranda?	De 2 até 4 vezes
Quando você entra em contato com a expressão/palavra PATRIARCADO quais os sentimentos ou pensamentos surgem na sua cabeça?	Intolerância
O que você entende por CULTURA MATRIFOCAL?	não entendo
Depois da sua vivência/experiência na Ciranda, como você vê o conceito de feminino/masculino hoje?	é preciso muita conversa e humildade ainda para aceitar o outro, principalmente em mudar algumas crenças limitantes
Durante o ritual da Ciranda, quais sentimentos e/ou pensamentos são despertados em você?	autoconhecimento e flexibilidade
Descreva sua participação no ritual da Ciranda atentando para os detalhes desde sua chegada (começo) até o término da cerimônia.	uma imersão profunda e libertadora dentro de mim, um momento de humildade, onde me coloco a ouvir e aprender, não apenas sobre quem está na roda, mas sobre mim mesma.

Identificação	E
Idade	22
Escolaridade	Superior Incompleto/cursando
Formação Holística	Curandeira e Florescida
Religião antes da Ciranda	Budismo
Religião pós a Ciranda	Xamanismo
Comente sobre mudanças ocorridas no nível pessoal e/ou social depois de sua participação na Ciranda:	Maior afeto e cumplicidade para com as mulheres que me cercam e com quem tenho relações familiares ou afetivas. Mais disposição e confiança para falar sobre estados do corpo e da alma com outras pessoas. Mais liberdade para expressar meus sentimentos.
Quantas vezes você participou dos rituais da Ciranda?	De 2 até 4 vezes
Quando você entra em contato com a expressão/palavra PATRIARCADO quais os sentimentos ou pensamentos surgem na sua cabeça?	Dor, prisão. Claustrofobia, ansiedade.
O que você entende por CULTURA MATRIFOCAL?	Poder dividido entre homens e mulheres de maneira mais equilibrada
Depois da sua vivência/experiência na Ciranda, como você vê o conceito de feminino/masculino hoje?	De que todos temos o feminino e o masculino dentro de nós. O sagrado é o todo, o feminino e o masculino são igualmente essenciais em cada indivíduo
Durante o ritual da Ciranda, quais sentimentos e/ou pensamentos são despertados em você?	Cumplicidade, ternura. Afeto sem filtros, leveza. Integração, fazer parte.
Descreva sua participação no ritual da Ciranda atentando para os detalhes desde sua chegada (começo) até o término da cerimônia.	Na primeira ciranda eu fui indicada pela Babi, pois estava passando por terapia tratando um período depressivo, agravado pela pílula anticoncepcional. Fui lá a princípio para compartilhar com outras mulheres essa experiência do sagrado da menstruação mas descobri o sentimento de fazer parte, que há muito tempo eu já não sentia em mais nenhum lugar. Nessa primeira Ciranda a Babi falou do Florescer da Curandeira, do qual eu também participei. Frequentei ainda mais umas três ou quatro cirandas (porque moro no Rio, então aproveito sempre que vou a Curitiba para visitar minha família). Hoje sinto

	falta de sentar em círculo com homens e mulheres e explorar este espaço de autoconhecimento mais frequentemente na minha vida.
--	--

Identificação	F
Idade	24
Escolaridade	Superior Completo
Formação Holística	Reiki Nível 3
Religião antes da Ciranda	Nenhuma
Religião pós a Ciranda	Nenhuma
Comente sobre mudanças ocorridas no nível pessoal e/ou social depois de sua participação na Ciranda:	Comecei a me amar mais.
Quantas vezes você participou dos rituais da Ciranda?	1 vez
Quando você entra em contato com a expressão/palavra PATRIARCADO quais os sentimentos ou pensamentos surgem na sua cabeça?	Repulsa; homens no poder reprimindo as mulheres.
O que você entende por CULTURA MATRIFOCAL?	Cultura voltada a mulher.
Depois da sua vivência/experiência na Ciranda, como você vê o conceito de feminino/masculino hoje?	Da mesma forma que eu via antes. A mulher é muito reprimida.
Durante o ritual da Ciranda, quais sentimentos e/ou pensamentos são despertados em você?	Prefiro não comentar.
Descreva sua participação no ritual da Ciranda atentando para os detalhes desde sua chegada (começo) até o término da cerimônia.	Não tive uma participação ativa. Apenas meditei comigo mesma na ciranda.

Identificação	G
Idade	30
Escolaridade	Superior Completo
Formação Holística	
Religião antes da Ciranda	Católica
Religião pós a Ciranda	Católica
Comente sobre mudanças ocorridas no nível pessoal e/ou social depois de sua participação na Ciranda:	Unir-se mais as mulheres
Quantas vezes você participou dos rituais da Ciranda?	De 2 até 4 vezes
Quando você entra em contato com a expressão/palavra PATRIARCADO quais os sentimentos ou pensamentos surgem na sua cabeça?	Violência
O que você entende por CULTURA MATRIFOCAL?	
Depois da sua vivência/experiência na Ciranda, como você vê o conceito de feminino/masculino hoje?	Juntos o mundo seria mais harmonioso
Durante o ritual da Ciranda, quais sentimentos e/ou pensamentos são despertados em você?	Gratidão, amor
Descreva sua participação no ritual da Ciranda atentando para os detalhes desde sua chegada (começo) até o término da cerimônia.	

Identificação	H
Idade	41
Escolaridade	Pós-Graduação
Formação Holística	Dança Circular
Religião antes da Ciranda	Evangélica
Religião pós a Ciranda	Evangélica
Comente sobre mudanças ocorridas no nível pessoal e/ou social depois de sua participação na Ciranda:	Autoconhecimento.
Quantas vezes você participou dos rituais da Ciranda?	Quase todas as edições (mais de 4 vezes)
Quando você entra em contato com a expressão/palavra PATRIARCADO quais os sentimentos ou pensamentos surgem na sua cabeça?	Machismo.
O que você entende por CULTURA MATRIFOCAL?	Empoderamento feminino.
Depois da sua vivência/experiência na Ciranda, como você vê o conceito de feminino/masculino hoje?	Precisamos de equilíbrio interior e nas relações com os outros e com a natureza.
Durante o ritual da Ciranda, quais sentimentos e/ou pensamentos são despertados em você?	Depende do trabalho, mas no geral estão relacionados com amor e aceitação.
Descreva sua participação no ritual da Ciranda atentando para os detalhes desde sua chegada (começo) até o término da cerimônia.	Sentamos em roda. Tomamos floral da Amazônia, repetindo por três vezes o trabalho da essência de cada flor no organismo. Então realizamos uma dinâmica na qual escrevemos uma carta para uma pessoa que viesse a mente. Pensei no meu filho. Depois andamos pela sala olhando nos olhos das colegas (na época o grupo era exclusivamente feminino) e quando sentíssemos o chamado deveríamos parar frente a pessoa, em duplas. Eu fui escolhida por uma colega. Quando eu li a minha carta ela chorava muito. Então ela leu sua carta para mim e eu chorei muito, porque parecia que era meu filho respondendo. O mesmo aconteceu com ela. Quando terminamos a leitura ela me contou seu contexto e eu

	<p>contei o meu. Mesmo sendo histórias muito diferentes minhas palavras ecoaram como um diálogo com as dela e vice-versa. Aquela situação mudou a minha relação com meu filho, que desde então tornou-se harmoniosa. Depois fizemos o ritual da chanupa, nos despedimos e comemos um lanche compartilhado pelas participantes.</p>
--	--